



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FLEURIANA DANTAS LYRA

**ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA:
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PEDAGOGIA E O PROCESSO DE TORNAR-
SE PROFESSORA**

CAMPINA GRANDE

2023

FLEURIANA DANTAS LYRA

**ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA:
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PEDAGOGIA E O PROCESSO DE TORNAR-
SE PROFESSORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito à obtenção do
Título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paula Almeida de Castro

CAMPINA GRANDE

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L992e Lyra, Fleuriana Dantas.

Entre a teoria e a prática [manuscrito] : o estágio supervisionado em Pedagogia e o processo de tornar-se professora / Fleuriana Dantas Lyra. - 2023.

55 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Paula Almeida de Castro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Educação. 2. Estágio supervisionado. 3. Pedagogia. 4. Formação docente. I. Título

21. ed. CDD 370

FLEURIANA DANTAS LYRA

**ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA:
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PEDAGOGIA E O PROCESSO DE
TORNAR-SE PROFESSORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito à obtenção do
Título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação.

APROVAÇÃO EM 05 DE JULHO 2023

Banca examinadora



Profa. Dra. Paula Almeida de Castro / UEPB
(Orientadora)



Profa.: Dra. Valdecy Margarida da Silva/ UEPB
(Examinadora)



Prof. Esp. Diego de Lima Santos Silva/ UEPB
(Examinador)

À minha mãe, Fleurine. Às minhas irmãs Fleuriane e Fleuriyna. Aos professores em geral, pela nossa escolha na profissão, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha mãe, Fleurine, por nunca ter me deixado pensar que eu não conseguiria concluir o curso de pedagogia.

À minha irmã mais velha, Fleuriane, por ser meu incentivo à educadora e por todas as discussões sobre educação, por me auxiliar em todas as vezes que precisei, e por me lembrar deste presente trabalho desde o segundo período do curso.

À minha irmã mais nova, Fleuriyna, que também preferiu seguir o caminho da educação, boa sorte.

À minha avó, Florizé, por todos os passeios.

À Paula Castro, que me acolheu, orientou e acalmou.

Ao meu namorado, Alexandre, que sempre me lembrou de que eu posso ser uma boa profissional; E por mostrar que também sou exemplo a alguém.

À minha melhor amiga, Sabrynna, que acompanhou todas as minhas decisões, e me apoiou em todas elas.

Aos meus amigos de curso, pelo tempo, dedicação, companhia, risadas.

Ao curso de pedagogia, por me tornar um ser humano melhor.

Aos meus professores, que me possibilitaram educar.

Aos meus alunos dos estágios.

A todos aqueles que, em algum momento, se fizeram importantes no decorrer do curso.

"A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é preparação para a vida, é a própria vida" - John Dewey (1859).

RESUMO

A observação e as práticas docentes realizadas durante a disciplina curricular Estágio Supervisionado, no curso de Pedagogia, constituíram o objeto deste trabalho de conclusão de curso. Os estágios IV e V, ambos obrigatórios para a conclusão do curso de Pedagogia do campus I da Universidade Estadual da Paraíba, são apresentados na perspectiva do olhar pedagógico de uma futura docente. Destacam-se os desafios encontrados no percurso da relação entre as teorias e as práticas. A observação do espaço da sala de aula, em duas escolas públicas do município de Campina Grande, com um olhar atento e reflexivo, vem com o intuito de se fazer pensar a respeito de quem eu sou, do que eu fui, e do que eu quero ser enquanto docente. Como referencial teórico-metodológico optou-se, por tratar-se de vivências do estágio supervisionado, por adotar o modelo descritivo quanto ao cotidiano e seus sujeitos e o analítico quanto ao relato da experiência da aluna em formação. Algumas questões foram norteadoras para a realização desse trabalho, são elas: O que fazer em determinada situação? De qual melhor forma se obtém um resultado? A docência, por sua vez, trouxe outro resultado frente à uma turma a qual tirou um melhor desempenho, reflexão e doação própria para com os alunos. Como resultados, temos que os momentos de reflexão, experiência, emoção, expectativas, realidades, acertos, erros, entre diversos outros sentimentos contribuíram para a elaboração da experiência docente, tendo a escola como campo de produção de conhecimentos e reflexão sobre o ser professor.

Palavras-Chave: Educação. Estágio Supervisionado. Pedagogia. Formação Docente.

ABSTRACT

The observation and teaching practices carried out during the curricular discipline Supervised Internship, in the Pedagogy course, constituted the object of this course completion work. Stages IV and V, both mandatory for completing the Pedagogy course at Campus I of the State University of Paraíba, are presented from the perspective of the pedagogical perspective of a future teacher. The challenges encountered during the relationship between theories and practices are highlighted. The observation of the classroom space, in two public schools in the city of Campina Grande, with an attentive and reflective look, comes with the intention of making you think about who I am, what I was, and what I want to be as a teacher. As a theoretical-methodological framework, it was decided, as these were supervised internship experiences, to adopt the descriptive model regarding daily life and its subjects, and the analytical model regarding the report of the student's experience in training. Some questions were guiding for the realization of this work, they are: What to do in each situation? How to get a result? Teaching, in turn, brought another result in the face of a group that had a better performance, reflection and self-donation towards the students. As a result, we have that the moments of reflection, experience, emotion, expectations, realities, successes, mistakes, among many other feelings, contributed to the elaboration of the teaching experience, having the school as a field of knowledge production and reflection on being a teacher.

Key-Words: Education. Internship. Teaching Experience. Teaching Training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: PERCURSO METODOLÓGICO	10
2.1 Estágio de Observação.....	16
2.2 Caracterização e organização da sala de aula	17
2.2.1 Informações estruturais da escola.....	18
2.2.2 Componentes curriculares do ensino fundamental.....	19
2.3 Aulas observadas	19
2.4 Estágio de Docência	31
2.4.1 Informações estruturais da escola.....	31
2.4.2 Caracterização e organização da sala	32
2.4.3 Aulas	32
3 COMPONENTES DO CURSO E O ESTÁGIO	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação acadêmica de estudantes de diversas áreas do conhecimento, especialmente na educação. Por meio dessa experiência prática que permeia da gestão educacional, educação infantil ao ensino fundamental anos iniciais, os futuros profissionais têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso e vivenciar as diferentes realidades do ambiente de trabalho.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, foi abordado o tema do estágio supervisionado, com foco na sua importância e nos impactos que essa etapa da formação possui na preparação do estudante para a atuação profissional. O estágio supervisionado proporciona um espaço de aprendizagem enriquecedor, onde teoria e prática se encontram, permitindo que o estagiário desenvolva habilidades pedagógicas, aprimore o seu conhecimento da dinâmica de sala de aula e estabeleça um contato direto com a realidade educacional. Nesse sentido, buscou-se compreender como o estágio supervisionado impacta na formação do futuro profissional, quais competências são desenvolvidas nessa etapa e quais os desafios enfrentados pelos estagiários. Como objetivo geral investigar a trajetória da autora, futura professora, os benefícios e desafios enfrentados pela autora durante seus últimos estágios supervisionados pelo curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus I - Campina Grande. Como objetivos específicos foram analisadas, bem como analisar as contribuições dessa experiência para o desenvolvimento profissional dos estudantes. Serão exploradas as vivências, observações e reflexões da autora e, a sua dinâmica e performance docente desenvolvida em sala de aula, com os relatos dos dias nas escolas as quais foram frutos desse trabalho.

Como referencial teórico-metodológico optou-se, por tratar-se de vivências do estágio supervisionado, por adotar o modelo descritivo quanto ao cotidiano e seus sujeitos e o analítico quanto ao relato da experiência da aluna em formação.

Das análises realizadas, espera-se contribuir para o debate sobre a importância do estágio supervisionado como parte integrante da formação acadêmica e profissional dos estudantes. De um modo geral, busca-se compreender qual é o papel do estágio e qual sua contribuição para o desenvolvimento profissional tanto quanto pessoal.

2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: PERCURSO METODOLÓGICO

O estudante da UEPB, matriculado no curso de Pedagogia, deve cumprir uma carga horária de 400 (quatrocentas) horas de estágio supervisionado, de acordo com a Resolução/UEPB/CONSEPE/068/2015. O primeiro permeia a gestão escolar, em seu 3º (terceiro) e 4º (quarto) período da universidade, fazendo com que o aluno perceba que a educação não começa e termina dentro de uma sala de aula com um professor que media conteúdos. O estágio seguinte ocorre no 6º (sexto) período, e é o de número 3 (três), educação infantil, que permeia do berçário ao infantil II, onde o estudante precisará desenvolver seu lado mais lúdico, infantil, acolhedor e dinâmico. Os dois últimos estágios seguem a linha de raciocínio da observação e prática em sala de aula do ensino fundamental anos iniciais, respectivamente os de número 4 (quatro) e 5 (cinco). Os últimos concretizam a vivência em sala de aula com crianças entre 6 e 12 anos, onde se pode desenvolver tudo o que foi estudado em disciplinas anteriores, como de um modo geral, os ensinamentos, didática, currículo, planejamento, metodologia, literatura, entre outros componentes que embasam teorias e teóricos específicos de suas áreas de conhecimento, que auxiliam no desenvolver da alfabetização, por exemplo. É importante sempre lembrar que as disciplinas do curso de pedagogia são pensadas da melhor maneira para que os estágios possam fazer sentido lógico e que o aluno venha a ser capaz de lecionar, por isso existem tantos artigos, trabalhos, pesquisas, que se fazem necessários com leituras extensas, que fomentam a formação de todo e qualquer estudante.

Durante os estágios, dedica-se um tempo em sala de aula para preparação de material, como termos de compromisso e leituras relacionadas à parte teórico-prática. São importantes documentos que garantem a segurança dos alunos em suas idas às escolas. Bem como, materiais de estudo sobre a área de conhecimento (gestão, educação infantil e ensino fundamental) para que o estudante possa estar preparado e tendo noção do que deve ser trabalhado em cada nível de ensino. Os estágios são realizados em comum acordo com as escolas, as professoras, os estudantes de ambas as instituições (superior e básico), e todos devem estar abertos a erros e acertos, pois é ali onde o estudante terá espaço para se desenvolver, descobrir seus métodos de ensino, saber o que pode ou não dar sentido a todo um curso e escolha profissional. A grande intervenção entre o que se estuda e o que se aprende, é a vivência docente, a experiência dentro de uma sala de aula enquanto professor, que é o que garante uma maior percepção profissional ao término de uma longa graduação.

Uma das diferenças entre a teoria e a prática na sala de aula é que a teoria é um conjunto de conceitos, ideias e princípios gerais que explicam como as coisas funcionam e por que elas funcionam dessa maneira, enquanto a prática é a aplicação desses conceitos na sala de aula, lidando com situações específicas e imprevisíveis que podem ocorrer durante o processo de ensino e aprendizagem.

Os futuros educadores aprendem sobre os princípios e teorias do ensino e da aprendizagem, desenvolvem estratégias pedagógicas e metodologias de ensino, e estudam sobre a evolução histórica e social da educação. Na prática docente, por outro lado, os educadores enfrentam a realidade concreta da sala de aula, lidando com alunos com diferentes personalidades, ritmos e necessidades, bem como com situações imprevisíveis que podem surgir a qualquer momento.

Embora a teoria seja fundamental para embasar a prática, é importante ressaltar que a aplicação desses conceitos na sala de aula é uma tarefa complexa e desafiadora. Na prática, os educadores precisam adaptar suas estratégias e metodologias de ensino às necessidades e características específicas de seus alunos, garantindo que a aprendizagem seja significativa e efetiva.

É inegável que toda escola tem seu sistema de ensino e, é certo que cada uma delas precisa adaptar muitas questões para a realidade de cada comunidade a qual se atende, e principalmente, a necessidade de todos os estudantes. Com base nisso, uma identidade profissional é desenvolvida a partir dos estudos teóricos dentro das grandes universidades, e a conciliação entre textos e a realidade que se vive dentro de cada escola.

Apesar disso, um bom profissional precisa de uma constante revisão de significados sociais de sua profissão, ressignificando tradições que são praticadas e passadas ano após ano, sem uma mudança significativa que vá realmente trazer pontos positivos para a educação em geral. O choque de realidade entre teoria e prática começa no estágio, quando precisa-se conciliar algo estudado com algo vivenciado, em que, muitas vezes, é completamente diferente do que um graduando espera viver profissionalmente falando, ao ter um diploma em mão. E é exatamente por esse motivo que os estágios são essenciais para uma boa visão, formação, e até mesmo, em alguns casos, visto como provação, teste. Mas não basta estudar conteúdos e sentir-se seguro no campo da prática, é preciso também,

Segundo Pimenta:

[...] Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, 2008, p.67).

Entende-se por esta afirmação, que o profissional atuante na docência, carrega consigo uma bagagem desde os conhecimentos estudantis primários, ou seja, a reflexão íntima do que eu sou, do que eu fui, e do que eu quero ser sempre está presente e em conflito com os estudos teóricos e práticos. E o estágio também proporciona esse entendimento íntimo, no fazer pensar nas adversidades dentro de uma sala de aula, bem como a postura profissional de quem leciona e a constante questão de: *Como eu lidaria com esta situação? Como será quando chegar a minha vez?*¹

O campo de estágio é muito importante na questão reflexiva do estudante. É onde mais se observa a didática na mais pura essência, é quando alguém descobre a verdadeira paixão pelo ensino e pelo ser ensinado todos os dias. É também pelo observar que se constrói a identidade docente.

No dia a dia dentro das salas de aula, estão contidos elementos extremamente importantes como: problematização, intencionalidade para sanar questionamentos, experimentações metodológicas, enfrentamento de um ensino complexo, tentativas radicais, didáticas inovadoras e muitas outras questões que professores não encontram em teorias. Principalmente ao falarmos sobre uma pandemia causada pelo COVID-19, onde devastou e sacudiu todo o sistema educacional, atrasando cognitivamente, intelectualmente e mentalmente a saúde das crianças, fazendo com que recaia sobre os professores, acharem um jeito de colocar o trem de volta aos trilhos, e recuperar 3 anos de atraso estudantil.

Isto é, o curso de graduação atual, ainda não fornece meios de apoio que chegue ao alcance de todos os docentes que lutam diariamente com essa questão e, é por esse motivo que a formação continuada existe e precisa acontecer de maneira excepcional, pois as crianças que foram observadas no campo de estágio, sofrem com falta de alfabetização em um período que já deveriam compreender e redigir um texto completo, e embora essa culpa não deva ser carregada pelos docentes, são, infelizmente, os que mais sofrem pela frustração de um trabalho retrógrado, e que nem sempre pode ser eficiente, de acordo com a realidade das escolas brasileiras.

Zeichner (1993) ressalta a importância de preparar professores que assumam uma atitude reflexiva em relação ao seu ensino e às condições sociais que o influenciam. Isto é uma questão muito relevante e que é muito debatido em círculos de leitura, discussões em sala de

¹ Neste trabalho será falado na primeira pessoa para expressar a experiência do estágio obrigatório.

aula, a partilha docente daqueles que podem passar experiências e compartilhar um pouco da realidade que os espera.

Pimenta ainda completa em suas falas com o que foi dito acima, que:

[...] o conhecer diretamente e/ou por meio de estudos as realidades escolares e os sistemas onde o ensino ocorre, ir às escolas e realizar observações, entrevistas, coletar dados sobre determinados temas abordados nos cursos, problematizar, propor e desenvolver projetos nas escolas; conferir os dizeres de autores e da mídia, as representações e os saberes que tem sobre a escola, o ensino, os alunos, os professores, nas escolas reais; começar a olhar, ver e analisar as escolas existentes com olhos não mais de aluno, mas de futuros professores, é um terceiro passo que temos realizado na tentativa de colaborar com a construção da identidade dos professores (PIMENTA, 1999, p. 15-34).

É válido ressaltar aqui alguns pensamentos sobre Carlos Alberto Torres Bernal, um renomado pesquisador e teórico da educação, sua abordagem se concentra principalmente na perspectiva crítica e na análise das relações de poder na educação.

Bernal (2004) propõe uma abordagem crítica da educação, que visa não apenas entender a realidade educacional, mas também transformá-la em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Ele acredita que a educação deve ser um espaço de resistência e transformação, e não apenas de reprodução das estruturas de poder existentes. O autor ainda enfatiza a importância da interdisciplinaridade na educação, argumentando que a compreensão da complexidade da realidade educacional requer a integração de múltiplas disciplinas e perspectivas. Além disso, o autor defende a importância de uma educação crítica que seja sensível às questões de gênero, raça, classe e outras formas de desigualdade.

É de suma importância acrescentar um recorte sobre o pensador francês Edgar Morin, conhecido por sua abordagem interdisciplinar e complexa sobre questões sociais, culturais e filosóficas. Sua linha de pensamento é caracterizada por uma visão holística e crítica sobre o mundo contemporâneo, destacando a importância de considerar a complexidade dos fenômenos e das relações entre os indivíduos e as sociedades.

O Pensamento Complexo, formulado por Morin, apresenta a necessidade de uma abordagem multidimensional para a compreensão da realidade, que envolve a incorporação de diferentes pontos de vista, perspectivas e disciplinas. Morin argumenta que essa abordagem é essencial para superar os limites do conhecimento e resolver os problemas complexos enfrentados pela sociedade atual. Fazendo uma ponte do pensamento de Morin com o estágio de regência, é possível sair da zona de conforto e partir para uma realidade totalmente diferente do que o aluno viveu, e apenas tem ideia do que é estar em uma sala de aula. É por meio do

estágio que o estudante encontra outra cultura, outro modo de vida, outras perspectivas, e é partindo dessa outra vivência que ele poderá se desenvolver, tendo um olhar mais sensibilizado e humano para sua turma, e sempre refletindo sobre o tipo de profissional que quer ser, afinal, estando sempre em contato com outros professores em outra realidade, não há maneiras de não se colocar no lugar do outro.

Morin (1990) defende que é preciso superar a fragmentação do conhecimento e das disciplinas, integrando diferentes perspectivas e saberes para compreender as realidades complexas do mundo atual. Nesse sentido, ele propõe uma abordagem transdisciplinar, que busca articular diferentes formas de conhecimento e superar as fronteiras entre as disciplinas. Será possível observar no estágio docente entre os dias finais de regência, uma interdisciplinaridade de artes com geografia, pois uma vez que se estuda o conteúdo “Bairros”, também pode-se desenvolver imaginação artística de como é a visão do aluno sobre tal tema. Existem também muitas formas de se aproveitar um mesmo conteúdo e partir para outros, por exemplo, um texto sobre um rio, pode-se trabalhar: leitura, oralidade, escrita, interpretação, cores, formas da água, desenho, ciências, entre outros. Tudo dependerá da proposta da aula, da realidade da turma, e da disposição do professor.

Além disso, Morin enfatiza a importância da reflexividade e da autocrítica, argumentando que é necessário questionar nossas próprias crenças e pressupostos para compreendermos melhor a complexidade do mundo. Ele também destaca a importância da ética e da solidariedade em um mundo cada vez mais interdependente e interconectado. É por isso que o campo de estágio é o lugar ideal para sair da zona de conforto, e encarar uma realidade totalmente diferente da própria, porque a reflexão e autocrítica é importante também para o crescimento pessoal e profissional.

Os estágios são uma parte importante da formação de muitos estudantes, principalmente no curso de pedagogia. Há muitos pesquisadores educadores que defendem os estágios como uma forma de os alunos adquirirem habilidades práticas e aplicarem seus conhecimentos em situações do mundo real. O aprendizado prático leva ao autoconhecimento e melhoria na aprendizagem teórica.

O interessante de poder estagiar, é levar inovação, criatividade e ludicidade para dentro das salas de aula que te darão uma oportunidade de brilhar. Além do fator decisivo que te levará a pensar sobre os métodos de ensinar os alunos, existe uma constante troca de aprendizado entre os docentes, que vão se adaptando com o novo, dali partindo então uma análise sobre práticas docentes e autoavaliação. O importante é estar aberto a novas ideias e práticas pedagógicas, sempre levando em consideração as necessidades e características dos alunos.

Menga Lüdke, em suas pesquisas, se encarrega de defender questões socioeconômicas sobre a profissão de professores, além do fator reconhecimento dessa área educacional. Ela comenta em seu artigo “O lugar do estágio na formação de professores”, que a tecnologia também faz parte desse desenvolvimento, embora seja tão defasado no ambiente de trabalho entre os professores, por muitas questões, entre elas: o mau uso da internet para atividades que auxiliam a vida dos alunos com aplicativos que ajudam no desenvolvimento.

Ainda no mesmo artigo, Lüdke (2012) comenta sobre a má formação dos professores que estão atuando em sala de aula, muitos ainda com o Normal², e que estão reproduzindo o ensino tradicional e retrógrado, o que é tido como comum, mesmo que na universidade se aprenda sobre diversos métodos de ensino e a melhor maneira de lecionar, com tanta informação, não há motivo para não inovar no campo educacional. A pesquisadora afirma que o estágio é uma passagem do discente para docente, que lhe dá uma autonomia e influência necessária para aptidão à lecionar. É importante mencionar sobre o mercado de trabalho educacional básico, remuneração e reconhecimento, que são taxas baixas, pois o professor é visto como um ser que não é levado a sério, mas a grade curricular do curso de pedagogia vem exigindo conhecimento científico em todas as suas disciplinas. O reconhecimento de que um professor também é um constante aprendiz/estudioso, não existe. A visão de um pedagogo perante a sociedade é algo tido como fácil, sem valor. Isso é observável na sociedade, através de comentários advindos até mesmo da própria família, como uma escolha errada de curso, seguido de tentar outro “melhor”.

No campo de estágio, pode-se observar algumas questões negativas pertinentes como: greve de professores por falta de aumento salarial, falta de bons materiais de apoio, ou até mesmo falta de livros para crianças, bem como um público em diversos níveis de aprendizado dentro de uma mesma sala de aula, o qual o professor precisa adaptar atividades ou conteúdos de maneira que “abraçe” a todos, para se obter um bom resultado.

Então, conclui-se com o entendimento de que o campo de estágio, estudos universitários, formação de professores e a vivência escolar estudantil fazem parte da construção da identidade docente, e que somente de mãos dadas com todos esses períodos vivenciados, poderá obter um bom desempenho enquanto regente. Usando uma analogia, o estágio é a bússola de um viajante, que orienta seus passos e o faz chegar exitoso ao seu destino. Destaca-se aqui a importância de se doar ao máximo em cada experiência no percorrer dos campos, e então, colher os frutos do que o ensino tem a oferecer.

² Lei de 1946, a qual permitia a pessoa estar apta a lecionar, após a conclusão do segundo grau.

2.1 Estágio de Observação

Os docentes, para uma formação integral, não devem se ater apenas ao currículo da escola e ser mediador de assuntos. Ele precisa estar de acordo com a filosofia da escola, e acima de tudo, conhecer globalmente a proposta pedagógica da Unidade Escolar.

Acredita-se que o seu fazer pedagógico é a grande mola propulsora que conduzirá os alunos rumo à uma caminhada exitosa, onde serão garantidos seus direitos de aprendizagem. Sendo assim, a escola elencou os objetivos educacionais de forma que todos os envolvidos no processo educativo da escola, apresentam um perfil profissional que leve a desenvolver nos alunos, o sentimento de pertencimento, tornando-os cidadãos conscientes de seus direitos e deveres; Trabalhar as competências sócio emocionais, para garantir que todos os alunos se tornem adultos emocionalmente ajustados; Primar pela experiência no atendimento a nossos alunos, para que possamos garantir a inclusão, promoção e permanência deles na escola; Fortalecer a instituição como espaço público, lugar de debate e diálogo, fundada na reflexão coletiva.

Diante dos novos desafios educacionais do séc. XXI que apresenta a educação num contexto de inovação metodológica e tecnológica, a escola tem a visão de alargar as suas potencialidades para ser referência no município de Campina Grande – PB, pelo desenvolvimento sociocultural, crítico e participativo dos educandos, tendo assim, portanto, o direito e a equidade da aprendizagem para todos, de maneira autônoma e participativa.

A escola investe no melhoramento contínuo de práticas pedagógicas inovadoras, tais como as novas metodologias educacionais, metodologias ativas, que valorizam a educação para o educando, isto é, o aluno é o personagem central no processo de aprendizado. Nesse processo, primam por desenvolver nos alunos as capacidades de absorção de conteúdos de maneira autônoma, criativa, ativa, participativa em todo o processo de aprendizagem.

Alguns objetivos específicos que vale a pena destacar: elevar o desempenho acadêmico dos alunos, melhorar as práticas pedagógicas da escola, melhorar o gerenciamento da escola, assegurar o bom relacionamento com alunos, pais e comunidade, aumentar o índice geral de aprovação dos alunos, promover a qualificação dos professores e demais colaboradores da escola, assegurar um desempenho de excelência, fortalecer a integração escola-comunidade, primar pela inclusão e permanência do aluno na escola, garantir o direito de aprendizagem do aluno levando em consideração as competências e habilidades segundo a BNCC, dentre outros.

Foi observada uma turma do 4º Ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais de uma escola municipal de Campina Grande. O período de observação se deu pelo Estágio

Supervisionado IV, pela Prof.^a Dr.^a Maria do Rosário Gomes Germano, no 7º Período do curso de pedagogia, entre os dias 19, 24, 26 de outubro, 09, 16, 18 e 23 de novembro. O objetivo se deu em: observar, investigar e refletir a prática docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, colocando a estagiária frente a realidade da profissão, a sala de aula, a vivência no âmbito escolar, a relação professor-aluno, dentre outros vários aspectos pertinentes à profissão, compreendendo a maneira que o fazer docente está sendo desenvolvido e sua relação com o contexto escolar atual.

Nesse sentido, o período de observação foi realizado com êxito, de forma que trouxe auto reflexão, uma nova maneira de ver a escola, pensar e planejar conteúdos e repleto de experiências únicas, compreendendo melhor a área de atuação da Pedagogia em sala de aula, de tal modo que sua formação torne-se mais significativa, propiciando reflexões críticas e ampliando discussões inerentes ao cotidiano do fazer pedagógico, construindo a identidade do aluno-professor por meio de um novo olhar sobre a realidade educacional da sala de aula, o processo de ensino-aprendizagem e a função do docente.

A forma como a professora do 4º Ano, a qual foi observada, se posiciona, soluciona dúvidas, acolhe e integra, foram excepcionais e de uma positividade imensa que contribuiu com o resultado geral da experiência.

2.2 Caracterização e organização da sala de aula

A sala de aula é organizada a partir das disposições de mesas e cadeiras. Há 5 (cinco) fileiras, contendo 5 (cinco) conjuntos de cadeiras e mesas em cada, dispostas para frente de um grande quadro branco. Os 30 alunos são organizados nessas fileiras de acordo com o critério de comportamento e transtornos encontrados na turma, dentre eles podemos citar: hiperatividade, TDAH e déficit de atenção. Tal organização se dá em razão da professora garantir um melhor acompanhamento sobre esses alunos, facilitando o auxílio com qualquer necessidade que surja.

Neste contexto, analisamos essa estratégia como um ponto positivo, pois nota-se que a professora possui boa base nos interesses, habilidades e necessidades de cada um. Tal disposição dos alunos, torna viável a participação mais efetiva, em igualdade de oportunidades, para o pleno desenvolvimento de todos os alunos, com e sem necessidades educacionais especiais.

A sala do 4º ano é caracterizada pela postura construtivista da regente, onde ela propõe o desenvolvimento de todas as crianças através da participação ativa. Essa postura surge como um relevante ponto positivo devido ao desenvolvimento da turma, que no início do ano acolheu

12 (doze) crianças que não possuíam domínio nenhum de leitura. Dentre essas crianças, algumas têm dificuldades ortográficas com palavras que tem “c, ç, s, ss”. Isso explicita a dificuldade com a grafia das palavras, uma vez que ainda não internalizaram, de forma clara, o conceito de letra e fonema.

Segundo a professora, embora a escola disponibilize um projeto de reforço para essas crianças no turno oposto e os professores se esforcem para tanto, muitas crianças não participam das aulas para melhorar o desempenho escolar e garantir a fixação de conteúdos mais complexos.

Essa característica presente em algumas crianças é trabalhada pela professora por meios dos livros paradidáticos dispostos no "Cantinho da leitura", das discussões diárias sobre a história, momentos de avaliação da leitura individual, interpretação e escrita de atividades diversas e projetos que ocorrem no decorrer do ano, como a oficina de criação de livros individuais que teve duração de 3 (três) meses, em que cada criança realizou a construção de 1 livro por mês, de acordo com a professora.

2.2.1 Informações estruturais da escola

Quadro 1: Estrutura da escola

Estrutura	Quantidade
Secretaria	01
Sala de Leitura	01
Sala de Aula	05
Sala de Direção	01
Hall de Entrada	01
Cozinha	01
Despensa de Cozinha	02
Sanitário para Uso de Funcionários	04
Salão para Eventos	01
Sanitário para Uso de Alunos	06
Sanitário com Acessibilidade	01
Sala de Professores	01

Depósito na Sala de Professores	01
Sala de Atendimento Técnico	01
Depósito na Sala Técnica	01
Depósito para Material de Expediente	01
Área para Recreação	03
Almoxarifado	03

Fonte: Anotações de caderno de campo do estágio supervisionado (LYRA, 2023).

Levando em consideração a quantidade crescente de alunos anual, a escola abarca dois turnos, sendo divididos em séries (manhã 3º, 4º e 5º Ano, tarde 1º e 2º); portanto, não há superlotação de crianças em um ambiente, o que favorece uma melhor organização e desenvoltura de espaço.

2.2.2 Componentes curriculares do ensino fundamental

Quadro 2: Componentes curriculares

Área de Conhecimento	Anos Iniciais (1º ao 5º Ano)
Linguagens	Língua Portuguesa, Arte, Educação Física
Matemática	Matemática
Ciências da Natureza	Ciências
Ciências Humanas	Geografia, História
Ensino Religioso	Ensino Religioso

Fonte: Anotações de caderno de campo do estágio supervisionado (LYRA, 2023).

2.3 Aulas observadas

- **19.10.2022 - Recepção, ambientação e familiarização.**

Ao chegar na escola, o primeiro ponto que observei foi a recepção aos alunos. O horário de entrada é das 7:10 às 7:20. As crianças são recebidas pelo porteiro e, logo após, são encaminhadas para a sala de aula, onde a professora os espera. Enquanto os portões estão abertos, a professora procura ter conversas descontraídas com as crianças.

Fui bem recebida pela professora e pelas crianças, de forma didática e divertida. A princípio, pude observar que a professora tende a ser muito comunicativa com sua turma, permitindo que todos expressem seus pensamentos.

Considerarei que o processo de ensino-aprendizagem necessita favorecer os conhecimentos prévios do aluno e suas múltiplas vivências, logo esse afeto presente na relação professor-aluno observada proporciona não apenas um ambiente acolhedor, mas sim uma educação humanizadora voltada para a transformação individual e coletiva.

Antes de iniciar a aula, a professora fez a correção da atividade de matemática enviada para casa junto com as crianças, para que assim pudesse analisar seus avanços e suas dificuldades. O ato de corrigir a atividade de casa em sala de aula junto com os alunos possui grande importância no processo de aprendizagem das crianças visto que os resultados da classe ajudam a professora a procurar maneiras mais eficientes quanto as dificuldades apresentadas pelas crianças.

Após a correção, a professora pediu que os alunos pegassem seus livros de ciências, abrindo na página que tratava do assunto “misturas” e as possíveis combinações que poderíamos formar. No livro didático, o estudo se baseava em composições da água que nós bebemos.

Despertou na turma a curiosidade em reagir aos elementos, logo, trouxe à sala um copo com água, e em sua mão, sal. A mistura aconteceu na frente de todos, e a explicação deu-se em: cor do sal, transparência da água e o sabor após o experimento.

Nesse assunto também se trabalhou sobre rótulos de embalagens, quantidade, reação química, elementos químicos, números, tempo, cores. No decorrer das leituras dos rótulos, ficou nítido a dificuldade que os alunos em geral possuem quando o assunto é números decimais. Isso revela um conflito entre teoria e prática do currículo escolar, visto que os alunos deveriam receber uma introdução sobre números decimais 2º ano. Segundo a regente, esse conflito ocorre em razão do período pandêmico, em que as crianças acompanharam as aulas por meio do ensino remoto, o desenvolvimento mental e cognitivo das crianças foi afetados, logo inúmeros assuntos não foram trabalhados da maneira correta, causando uma grande defasagem no processo individual de ensino-aprendizagem.

Analisei essa aula como um diferencial positivo na rotina, pois utilizou da ferramenta de atividades práticas ou experimentais, propiciando às crianças uma situação de investigação que gerou ricos pensamentos científicos contextualizados, o que tornou o processo de ensino e aprendizagem daquele dia, um momento atrativo e participativo.

- **24.10.2022 - Entendendo um pouco da dinâmica de atividades.**

Após acompanhar a entrada dos alunos, a professora propôs uma atividade impressa na qual dispôs de 3 espaços em branco, três linhas de escrita para texto e um espaço para título de

uma possível história. As crianças deveriam escolher no primeiro quadro, um gênero: masculino ou feminino, no segundo quadro, um animal, e no terceiro, um local onde se passa a história. Foi escolhido o parque, pela professora, e a sugestão de animais fossem domésticos, pois uma criança gostaria de passear com um rinoceronte, e entramos em discussão sobre a diferença de adaptação de habitat.

Observei que essa interação foi de suma importância para as crianças entenderem a diferença de convívio de animais com as pessoas, e acredito que numa outra aula futura, esse assunto poderia sanar algumas dúvidas da turma em geral, além de trazer à sala de aula, muitos outros animais que moram em outros países, que também são silvestres, e aproveitar para falar sobre clima, região, Savana, África, Ásia, dentre outros.

O objetivo principal da atividade era desenvolver o imaginário das crianças, bem como o uso contínuo da escrita, interpretação, criatividade, leitura, pontuação e noções básicas de como construir uma redação, com espaçamento, tamanho de letra, parágrafo.

Um relato muito importante que a professora contou foi já ter recebido desenhos que foram pintados de forma irreais, com cores desconexas do corpo humano, como por exemplo: braço direito pintado da cor roxa, e o esquerdo, da cor azul. Ela contou estar mais atenta sobre essa noção de realidade da turma, e inseri-las no mundo real, saindo mais da fantasia.

No decorrer das produções, a professora tinha um olhar atento sobre a turma, chegando ao ponto de identificar uma criança com uma insegurança avançada no que se refere à escrita do texto. Com um tom calmo, ela pediu para a criança se aproximar do seu balcão e se debruçou para auxiliá-la na escrita. Enquanto a auxiliava, ela também orientava outras crianças que possuíam dúvidas quanto à escrita de uma palavra, a posição de uma vírgula/ponto, por exemplo. Percebe-se que as crianças ainda possuem muita resistência na produção de textos, fato este que está relacionado à autoestima da criança e a professora se sensibiliza com esses casos e está sempre disposta para aumentar a confiança delas.

Ainda sobre o auxílio e relato docente, alguns alunos possuem insegurança, medo ou vergonha de escrever, pois mesmo tendo escrito a palavra corretamente, insistem em perguntar como se escreve, para afirmar a dúvida. Momentos como o de devolver as perguntas que as crianças fazem para ela, explicita esse desejo de estimular a segurança e autoestima.

Em conversa com a regente, ela explica que apesar de 20% da turma ainda estar no processo de garatujas, 80% possuem um bom nível de alfabetização. Na turma, uma criança pode servir como exemplo nítido disso, visto que ela produziu 15 linhas completas, sem contar com a dedicação colocada nos desenhos. O caráter dessa atividade pode estar relacionado a rede de apoio que essa criança recebe fora da instituição escolar, visto que, de acordo com a

professora, seus pais acompanham todo desenvolvimento da criança por meio dos eventos e reuniões realizadas pela escola. O desenvolvimento da criança e sua aprendizagem como aluno está intrinsecamente relacionada a uma boa relação familiar. Percebi isso de maneira explícita em uma criança que, segundo a professora, não possui uma rede de apoio familiar e que ainda está 30% alfabetizada, mas não possuía interesse na produção de textos. Em meio a observações, sempre que foi proposto a produção de textos, essa criança em especial utilizava algum livro infantil para fazer a cópia do que estava escrito no livro, explicitando a falta de estímulos.

Às 10h, após o horário de lanche, as crianças tiveram aula de educação física; Lá, conheci o docente responsável pelas atividades corporais. O começo da sua aula foi de exercício com alongamentos, e deixou com que a turma decidisse qual esporte iriam praticar naquele dia, mas mesmo com as respostas distintas, ele cedeu ao futebol para um grupo, vôlei para outro grupo, e algumas crianças escolheram por pular corda, e uma dupla a jogar xadrez e damas.

Na volta para sala de aula, após o término de convivência, foi a disciplina de geografia, e o assunto abordado no livro Ápis foi: De onde vem esse material? Houve uma discussão do material de uma garrafa plástica, de onde viria o plástico, quem produz, e se existe uma reciclagem para isso.

Pude analisar que os assuntos abordados no primeiro e no segundo dia nunca conseguem ficar presos ao livro que é o objeto de estudo, a professora sempre está incluindo assuntos do cotidiano, e de forma que sua turma possa entender, ou seja, é uma linguagem simples, acessível, mas com muitos significados, interpretações, que ela busca esclarecer no percorrer de suas aulas.

Acredito que a medida única diária para produções de atividades e interpretações de texto se dá pela necessidade de avançar o nível da disciplina em língua portuguesa na turma, a qual diverge entre alfabetizados e não alfabetizados. Dessa forma, fica mais leve, as crianças levarem a sério o exercício da escrita, desenvolvendo o imaginário de todas elas, e a docente podendo avaliar o crescimento da turma.

- **26.10.2022 - Sobre interpretação de texto, leitura e resgate.**

Após a recepção dos alunos, a regente solicitou que as crianças escolhessem algum livro infantil na estante de livros. Após o momento de leitura silenciosa, a professora iniciou um debate sobre o livro escolhido de cada criança. Os livros escolhidos tinham temas diversos, então encontramos vampiros, baleias na praia, histórias de hambúrguer, animais na natureza, entre outros. A ideia principal era avaliar a forma de interpretação para com as histórias lidas.

No decorrer do tempo, algumas crianças já haviam terminado suas leituras, e falavam para a turma toda o que tinha lido, o que tinha achado da história e se teve alguma dificuldade no percurso. A docente pedia para os alunos alfabetizados, que lessem em voz alta para toda a sala partilhar daquele momento, mesmo com dificuldades em formar frases, ela sempre ia ajudando no que estivesse ao seu alcance.

Percebi que os alunos que não eram alfabetizados, também participavam do momento da leitura, embora eles não soubessem ler, a interpretação acontecia da visualização de imagens que o livro pudesse oferecer, e embora as imagens muitas vezes não representem todo um ou até mais parágrafos de uma única página, as crianças acabam por criar histórias em suas cabeças partindo do que era visto, logo, poderiam criar algo que não tem o mesmo significado do livro, mas algumas partes podem se encaixar.

Após o debate, a professora distribuiu folhas de atividade que consistia em fazer um desenho representativo da história e um breve resumo de 3 linhas sobre o livro. No decorrer da atividade, a regente ia sempre sanando as dúvidas dos alunos em relação a escrita do resumo e estimulando as crianças a escreverem sem pressa para alcançar letras bonitas. Em conversa com a regente, ela citou que utilizava essas produções textuais como pontos para somar com a prova final de Língua Portuguesa. Essa prática está relacionada à avaliação processual que é considerada uma fonte positiva para identificação dos avanços e dificuldades que os alunos possuem no decorrer do bimestre. Essa atitude surge como uma boa iniciativa docente no período pós pandêmico, onde as aulas remotas trouxeram inúmeras mudanças para a educação. Logo nos surge o sentimento de que a Pandemia ainda nos obriga a repensar diversos fatores ligados ao processo de ensino aprendizagem, principalmente no que diz respeito à avaliação. O processo de avaliação no período pós pandêmico deve estar ligado à observação de como é a participação do estudante, seu engajamento, motivação, resiliência, como lida com a frustração de ter que aprender conteúdos novamente, como ganha autonomia e outros pontos.

A partir das 10 horas da manhã, a turma se dirigiu ao pátio para aula de educação física. O docente contou, enquanto as crianças faziam suas atividades, que acompanha aquela turma desde o 1º ano dos anos iniciais, e que é muito bom poder ver o crescimento de cada uma delas. Assim, pude analisar o comportamento da docente em relação a atitudes consideradas negativas de algumas crianças, como a de conversas paralelas, posturas ao se sentar que demonstram desinteresse e descaso, produzir desenhos na hora da aula, e em nosso pensamento fica a observação de ter uma boa postura diante das adversidades de uma aula, e como podemos tratar aquela situação de forma educativa. Muitas vezes a formação de professores nos forma também para escutar, analisar e intervir quando necessário, e essa é uma das maiores diferenças entre

teoria e prática, pois sempre precisamos estar dispostos e sermos tias/os, psicólogas/os, mães/pais, e principalmente, professores.

Na volta para sala após a aula, usaram o livro de história com o assunto: migração. Inicialmente, fizeram uma análise da capa do capítulo, explorando os elementos figurativos, iniciando-se assim uma breve discussão sobre os conhecimentos prévios que as crianças possuíam sobre o tema. Em seguida, a professora orientou a discussão comentando sobre motivos que motivam a migração, entre eles guerras, pobreza, dificuldades financeiras, perseguições religiosas e políticas, catástrofes naturais, oferta de trabalho ou estudo em outro estado/país e interesse em conhecer outros lugares. Em meio a discussão, ela utilizou o exemplo dos italianos que vieram para o Brasil no século XIX em razão de melhores condições de vida e trabalho.

O método didático que a docente aplica enquanto leem o texto é: circular as palavras que mais fazem referência ao tema geral do assunto, para aprimorarem as ideias e discussões acerca do conteúdo. Considerei que essa estratégia de circular as palavras-chave de textos abordados em sala auxilia as crianças no processo de sistematização do conhecimento.

- **09.11.2022 - Um dia com atividades criativas.**

Às 7:00 da manhã os alunos entraram na sala de aula e a docente já estava para recepcionar os alunos. Como de costume, a professora pediu para que as crianças pegassem os livros paradidáticos no cantinho de leitura. Após 20 minutos de leitura silenciosa, a professora deu início a socialização das histórias escolhidas, solicitando que cada um falasse o que entendeu da história.

Após meia hora desse momento de socialização, a docente disponibilizou folhas em branco de ofício e pediu que as crianças desenhassem um personagem de acordo com a imaginação deles, mas que não fosse animal, e sim, menino ou menina. Elas deveriam criar: nome, idade, cor preferida, comida preferida, medo, sonhos, brincadeiras que mais gostassem, a família do menino ou menina, o time de futebol e o que queriam ser no futuro. Ou seja, criar uma história do jeito que eles imaginem para o personagem deles.

Pude perceber que ao “exigir” toda a lista acima, a importância da cultura futebolista está intrinsecamente ligada dentro da nossa sociedade, quando crianças que não entendem muito de uma rotina profissional já devem saber quais times devem torcer. Bem como quais sonhos almejam e o que querem ser quando crescer, quando muitas crianças não possuem esse sonho ou não pretendem atingir tal meta, pela vida atual ser um pouco mais difícil.

A regente observou que alguns alunos estavam jogando lixo no chão da sala, e os orientou para que não fizesse aquilo, em forma de conversa em tom de conscientização. A docente também lembrou de avisar o tempo restante para a conclusão da atividade enquanto sanava dúvidas ortográficas dos alunos que ela sabia que tinham mais dificuldade em relação à escrita.

Após a entrega das atividades das crianças, a professora ficou a frente da turma para realizar a leitura das histórias de cada um dos alunos. Socializou o que fora escrito, desenhado e criado, sem revelar quem fez tal história. Lembrei do que a docente falou nos primeiros dias de observação, quando fez a oficina de livros produzidos pela turma, e também observamos o quanto é importante essa imaginação fluida das crianças, para criar histórias e sempre interpretar as próprias histórias, isso faz com que elas possam gostar de ler, escrever, inserindo a escrita o tempo inteiro de forma lúdica e prazerosa.

O lanche foi comunicado para estar pronto às 09:00. O intervalo ocorreu logo após a volta do lanche, o que durou cerca de 60 minutos, como de costume, e toda a turma retornou à sala em seus respectivos lugares.

Após o alvoroço das crianças pós-intervalo, a docente realizou uma revisão da disciplina de história no livro didático. O primeiro assunto foi sobre a imigração e a emigração de pessoas. O segundo foi sobre a escravidão e as rotas de mudanças dessas pessoas do seu país de origem. Em seguida, ela faz a leitura de um texto do livro, e no quadro faz a correção de acordo com as respostas das crianças. A professora pediu para que os alunos desenhassem os povos indígenas bem como pedia na questão.

Lembrei da disciplina de “Ensino de História” com a profª Margareth Maria de Melo, a qual nos mostrou como lecionar esse conteúdo em específico, e ficamos extremamente felizes em saber que a docente abordou esse assunto de forma correta, inclusiva e respeitosa.

Aqui gostaria de acrescentar sobre a Lei 10.639, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Também houve uma revisão sobre os africanos e povos originários, e resolução sobre números romanos: XV e XXI apenas por meio da oralidade. Analisei o uso da oralidade nessa aula de forma negativa, pois acabou tornando o assunto raso e pouco chamativo. O uso de imagens, *slides*, músicas e reprodução de séries ou filmes tornaria a aula mais dinâmica e atraente.

- **16.11.2022 - Trabalhando a interpretação e criatividade das crianças.**

Seguindo a rotina diária, às 7:15 da manhã a regente iniciou a aula solicitando às crianças a escolha livre do livro paradidáticos no "Cantinho da leitura". Após escolherem, a regente observou que algumas crianças haviam escolhido livros do 2º ano, isto é, livros não destinados à faixa etária delas. Isso levanta uma observação persistente quanto à estante de livros da sala de aula, uma vez que deveria haver uma divisão explícita dos livros destinados tanto aos alunos do 2º ano, como do 4º ano, com a finalidade de orientar melhor os alunos.

Finalizado o momento de leitura de 10 (dez) minutos, a regente começa a solicitar que cada criança fale um pouco sobre o que entendeu do livro escolhido, ressaltando o(s) autor(es) e ilustrador(es). Em meio a socialização, um aluno em específico demonstrou dificuldade em falar sobre seu livro, fazendo com que a regente se dirija à sua mesa e o ajude a analisar o livro. Mesmo com o auxílio, ele permanece tendo dificuldade. Assim, a regente recolhe seu livro e o lê para toda a turma, utilizando de táticas importantes como a articulação das palavras, a entonação, o volume e o ritmo da voz para tornar a leitura mais leve e interessante.

Percebi que, ao perguntar sobre qual seria a história contada no livro, o aluno em questão respondeu "vacas e alguns meninos". No fim, a história era sobre a festa do boi, um momento cultural e regional que virou tema de história pela morte do boi que voltou à vida. Durante a leitura, as crianças riem e comentam cada pedaço da história, demonstrando que a leitura sem pressa, com doçura, entonação, vozes diferentes para cada personagem, suspense, mistérios e muita risada consegue atrair mais atenção dos alunos. Após o período de conversa da docente com as crianças, ela pede para que troquem os livros paradidáticos com outros dispostos no cantinho de leitura, e segue tirando dúvidas de interpretação de alguns outros que ainda não terminaram o primeiro e não contribuíram com o momento compartilhado mais cedo.

Às 7:53, a regente pede que as crianças guardem seus livros e peguem o livro de Língua Portuguesa, retomando a página seguinte da anteriormente trabalhada. O assunto "gramática" foi abordado neste dia, através de um pequeno texto sobre morcegos. Inicialmente, a leitura do então texto foi silenciosa, onde as crianças iam circulando as palavras-chave. Após a leitura silenciosa, a regente solicitou uma leitura individual em voz alta mas, ao mesmo tempo, conjunta, o que surge como um ponto positivo no processo de ensino-aprendizagem, visto que ela pôde observar e auxiliar as crianças nas suas dificuldades específicas e coletivas.

Em seguida, a professora solicita que as crianças respondam às três questões relacionadas ao texto lido, que abordam sobre os assuntos "acentos"; "sons/fonemas" e "escrita vs fonema". Finalizado o tempo de 30 minutos dado às crianças para responder às questões, a professora começa a correção. Em meio a esse momento, percebemos que o tema "Fonemas"

ainda é um empecilho na aprendizagem da grande maioria das crianças observadas, visto que as crianças não conseguem dar respostas corretas a regente quando ela solicita. Acredito que o uso de jogos pedagógicos ou o uso de um *banner* com o alfabeto acompanhado de ilustrações localizado ao lado do quadro branco na altura das crianças auxiliaria as crianças a superarem essas dificuldades, visto que o alfabeto confeccionado com E.V.A de letras cursiva e bastão presente em sala de aula não é utilizado, nem chamativo para os alunos.

Às 8:48 a aula é interrompida de maneira repentina por uma das cozinheiras da escola que vêm dar o aviso do lanche disponível. Na nossa opinião, essas interrupções por volta das 8:40 são analisadas como desnecessárias e prejudiciais, pois atrapalham o desenvolvimento da aula e desconcentram as crianças que, ao serem chamadas para lanche, largam tudo e vão para o refeitório.

Após essa pausa para o lanche, as crianças vão direto para o intervalo que dura entre 40 a 60 minutos. Finalizado o intervalo, as crianças voltaram para sala para beber água e aguardar a chegada do professor de Educação Física. Com a chegada do regente, em fila as crianças retornaram para o pátio da escola, onde se alongaram e iniciaram uma partida de voleibol. No entanto, nesse dia a aula de Educação Física durou apenas 10 minutos pois agentes ocupacionais em odontologia da comunidade chegaram à escola para dar uma palestra. A palestra abordou a higienização diária, a utilização da escova, fio dental e enxaguante bucal, a necessidade de escovar os dentes sempre após as refeições, técnicas de escovação, inclinação correta da escova, a importância de escovar todos os dentes, língua e estruturas anexas, ensinando e tirando a dúvida das crianças.

Analisei essas ações educativas ligadas à vida prática, nesse caso com foco na saúde bucal, de grande valia para formação das crianças. A infância é uma fase de descobertas e assimilação do mundo propícia ao aprendizado de medidas para vivência harmônica individual e em sociedade, logo, as escolas são locais importantes para incorporação de hábitos de higiene, que irá perdurar por toda a vida. A educação é o ponto fundamental de qualquer programa de saúde.

A palestra se estendeu até às 11:10. Após isso, as crianças retornaram à sala de aula apenas para juntar os materiais e serem liberados.

- **18. 11. 2022 - Uma proposta didática diferenciada.**

Nos dias 17 e 18, a regente da turma não estava presente na sala de aula devido à capacitação de profissionais (reunião com professores). Assim, foi posto uma professora

substituta para ocupar seu lugar em ambos os dias. A rotina desse dia, seguiu de uma forma diferente em razão desse fato.

A professora substituta iniciou a aula às 7:00 solicitando que as crianças pegassem um livro paradidático e iniciassem o momento de leitura individual. O momento de leitura acabou às 7:32, não havendo o momento de socialização das leituras individuais como a regente efetiva da turma fazia diariamente. Classifiquei este momento como algo negativo, pois colocou os livros paradidáticos como uma mera ferramenta de manter as crianças distraídas e calmas.

Assim, a professora substituta solicita que as crianças guardem os livros paradidáticos e peguem em sua mesa uma atividade impressa de situações problemas da matéria "Matemática" deixada pela regente efetiva. A professora designa um aluno para ler a primeira questão e, em seguida, solicita que as crianças respondam a atividade inteira sem auxílio da calculadora. Em meio a esse momento, alguns alunos vão levantando algumas dúvidas, mas a professora apenas dá algumas explicações superficiais, não auxiliando os alunos de forma afetiva. Em razão disso, se pôde observar algumas crianças fazendo a soma utilizando os próprios dedos, umas montando os esquemas das contas atrás da folha e outras fazendo de forma aleatória sem refletir sobre. Uma criança, então, levanta uma dúvida em relação aos números pares. A professora pede que os alunos respondam de forma correta e, após um momento de silêncio, uma criança começa a citar os números pares que conhece. A professora apenas consente, afirmando que a então resposta está correta, e a aula continua com as crianças tentando concluir a atividade.

Devido a essa falta de auxílio e ação docente, as crianças começam a se desinteressar pela atividade, iniciando conversas paralelas e desenhos/rabiscos nas folhas. Notei que, ao contrário da regente oficial da turma, a substituta interrompe com falas altas que a turma ficará sem intervalo, como forma de punição pelo "mau comportamento", ao invés de se ter uma conversa inclusiva e reflexiva, como acontece nos outros dias observados. Inicia-se uma conversa logo após a reclamação para a contagem das férias, e pelo alvoroço da felicidade dos alunos, a docente os repreendeu novamente com a comparação de "parecer com a turma do pré".

Repentinamente, a vice-diretora interrompe a aula para dar um aviso à professora substituta. Ao se dirigir a porta para sair, ela observa um dos alunos da turma que mais possui dificuldade de aprendizagem e resolve parar em frente a sua mesa para lhe fazer perguntas sobre a atividade proposta. Ele não consegue responder nenhuma de suas perguntas de forma correta, então ela passa em torno de 8 minutos o ajudando a fazer pelo menos umas das questões da atividade impressa.

Às 8:26, assim que a vice-diretora se retira da sala de aula, a professora substituta sai da sala para tomar café. As crianças aproveitam esse momento para se levantarem de suas cadeiras, iniciarem conversas paralelas etc. Após alguns minutos, a professora retorna a sala e solicita que as crianças que não terminaram continuem fazendo a atividade, e as crianças que já terminaram guardem a folha pois iria corrigir em um outro momento.

Por volta das 8:40, uma das cozinheiras da escola interrompeu a aula para avisar que o lanche já estava disponível. As crianças se dirigiram ao refeitório e, conforme iam pegando seus pratos, iam retornando a sala de aula para se alimentar. Assim que terminaram o lanche, o sinal do intervalo soou, fazendo com que todos os alunos da escola se dirigissem para o pátio.

Após o horário de intervalo, as crianças retornaram à sala de aula para beber água e iniciar conversas paralelas sobre fatos que ocorreram no pátio. A professora solicita que façam silêncio e peguem os livros de "Língua Portuguesa", abrindo na página 232. Percebe-se a continuidade dos temas "Fonemas" e "Língua falada vs Língua escrita", e uma introdução a "Conjugação verbal". O objetivo dessa atividade é apresentar uma possibilidade de identificação de forma verbal de 3ª pessoa no passado, e auxilia as crianças a notar as semelhanças entre os sons e as diferenças da escrita.

Dessa forma, a professora substituta solicitou uma leitura individual/conjunta em voz alta das primeiras questões da página, que solicitava que as crianças decifrassem uma pequena carta a partir da substituição dos desenhos pelos nomes das figuras e os verbos destacados pela forma no passado e, em seguida, observassem o final de cada palavra escrita para diferenciar a escrita do som. O início do processo de decifrar a carta foi difícil, pois observa-se uma grande defasagem na aprendizagem das crianças em relação a trocas e omissões fonéticas, gagueira, dificuldade em contar ou recontar uma história, vocabulário reduzido e a constante necessidade de alguém para falar por si. No entanto, com o auxílio constante da professora, as crianças conseguiram concluir as questões de forma satisfatória.

Dessa forma, a unidade 7 do livro chega ao fim com uma atividade de autoavaliação. A professora substituta lê o quadro-síntese que aborda os conceitos abordados na unidade e inicia uma autoavaliação de cada aluno sobre os conteúdos abordados, indagando-os sobre os avanços e se precisam estudar mais algum assunto. Analisei essa autoavaliação de forma bastante positiva, pois contribui para o conhecimento de si próprio. Analisar e fazer comentários sobre o próprio desempenho e reconhecer suas necessidades de revisão é um grande passo no processo de ensino-aprendizagem.

Finalizado esse momento de autoavaliação, as crianças foram liberadas para recolher seus materiais e se dirigir ao pátio da escola à espera de seus pais.

- **23.11.2022 - Despedida e muito aprendizado.**

No último dia de estágio de observação, fomos recebidas pelo professor de educação física que estava na turma do 4º ano. Logo pensei que estaria ali porque a professora poderia ter se atrasado, mas fiquei sabendo, pelo professor, que a professora adoeceu e era ele quem daria a aula daquele dia.

O professor esperou todas as crianças entrarem na sala para então, começar sua aula. Estranhei que naquele dia, ele não disponibilizou os livros da estante de leitura, e nem distribuiu folhas ofício para os desenhos das histórias criadas, por isso, o momento inicial rotineiro não aconteceu. Na nossa opinião, isso quebra a rotina da turma.

O professor pediu para que as crianças pegassem seus cadernos para escreverem um minitexto, o qual fora ditado, sobre a história dos primeiros socorros. De como os primeiros socorros aconteceu, e o motivo de hoje ser objeto de estudo. Esse ditado prejudicou as crianças que ainda não estão alfabetizadas, pois, uma vez que não conseguem acompanhar a escrita e perdem o conteúdo passado no dia, não podem revisar futuramente. Vimos isso como algo negativo e de exclusão.

Após alguns minutos de escrita, o professor percebeu que a turma possuía algumas dúvidas sobre palavras difíceis, ou mesmo que sejam nomes de doenças, como convulsão, ele decidiu parar a escrita do texto e começou uma aula diferente, sem muita evolução de um momento para outro.

Trouxe para frente da turma, um aluno o qual tem um irmão que sofre com convulsões, inclusive, segundo ele, a escola já havia socorrido o irmão do garoto algum tempo atrás com esse mesmo problema, o jovem relatou vivenciar essas situações em casa, e no caso dele, ele já sabia o que fazer diante desses momentos. Ele, junto com o professor, explicou como auxiliar uma pessoa que está tendo convulsão: segurar a sua cabeça e logo deixá-lo com espaço para seu corpo parar de se debater, abrir a sua boca para não se engasgar com a própria saliva, e não tentar falar palavras ou frases negativas, pois o enfermo está consciente, ele só não tem controle sobre os movimentos do seu corpo naquele momento.

Logo que as crianças puderam entender isso, foram ensinadas a chamar ambulância, SAMU e polícia em casos de acidente ou caso precisem ir ao hospital. O professor também ensinou dois modos de desengasgo, e como as crianças podem ajudar outras crianças com engasgo comum, do tipo de sementes de frutas. Entre um assunto para outro, o professor dava exemplos e encenações da forma como auxiliar em momentos delicados.

Por último, antes da hora do lanche, o professor falou sobre estancar sangue, lei de gravidade, e a importância de se levantar qualquer membro do corpo para parar sangramentos, e evitar perda de sangue até o momento de ser socorrido.

A aula foi muito proveitosa, pois até eu, que estava observando, pude aproveitar o conteúdo de forma tranquila, saudável, didática, e me senti como as crianças, disposta a aprender.

Dada a hora do intervalo, as crianças logo após o término dele, foram liberadas para a aula de educação física com o professor que estava na sala, e por conta daquele dia precisar de outras turmas para aulas de educação física, as crianças ficaram com uma das coordenadoras da escola, para realização da atividade a qual comentei no início da aula, que não foi realizada, e então, foi aplicada naquele momento. Seguiu até o horário final, a qual as crianças puderam ser liberadas e irem para suas casas.

2.4 Estágio de Docência

Foi realizado em uma escola municipal de Campina Grande - PB. Durante a 1ª e 2ª unidade do 8º período do curso de Pedagogia. O estágio de observação, supervisionado pelo Prof. Esp. Diego de Lima Santos Silva, recepção e adaptação aconteceu no dia 30 de março, tendo início da docência nos dias 13, 20 e 27 de abril, 11, 18 e 25 de maio, e teve fim no dia 01 de julho de 2023.

Os docentes se preocupam com as crianças recém-chegadas da creche, a maneira que se sintam acolhidos e amados. A escola em si proporciona momentos de interação entre todas as crianças e funcionários, cada função exercendo o melhor de si. Os objetivos principais da escola é desenvolver intelectualmente seus alunos de forma que eles consigam avançar em aspectos linguísticos, intelectuais, matemáticos e reflexivos.

2.4.1 Informações estruturais da escola

Estrutura	Quantidade	Estrutura	Quantidade
Secretaria	01	Despensa de Cozinha	01
Sala de Leitura	01	Sanitário para Uso de Funcionários	01
Sala de Aula	05	Salão para Eventos	01
Sala de Direção	01	Sanitário para Uso de Alunos	06

Hall de Entrada	01	Sala de Professores	01
Cozinha	01	Área para Recreação	02

Fonte: Anotações de caderno de campo do estágio supervisionado (LYRA, 2023).

2.4.2 Caracterização e organização da sala

A sala de aula é organizada a partir das disposições de mesas e cadeiras. Há 3 (três) fileiras, contendo 12 (doze) conjuntos de cadeiras e mesas em cada, dispostas para frente, algumas frente às outras, e outras, frente a um grande quadro branco. Os 18 alunos são organizados nessas fileiras e a interação ocorre de forma tranquila. Nesta sala, há presença de uma criança com deficiência física e intelectual, também alguns poucos alunos que possuem dificuldade em escrita e leitura, mas ficam posicionados nas carteiras de forma que a professora possa auxiliar em momentos do desenvolver das atividades.

A sala do 3º ano é caracterizada também pela postura construtivista da regente, onde ela propõe o desenvolvimento de todas as crianças através da participação ativa com muitas atividades, vale ressaltar que é uma turma muito avançada, muito rápida e a necessidade pede essa constância de interação.

Essa característica presente em algumas crianças é trabalhada pela professora por meio dos livros paradidáticos dispostos no interior da sala de aula, das discussões diárias sobre as histórias lidas, momentos de avaliação da leitura individual, interpretação e escrita de atividades diversas e projetos que ocorrem no decorrer do ano.

2.4.3 Aulas

- **13.04. 2023 - Meu novo espaço de trabalho.**

O primeiro dia de estágio, talvez até ouse dizer que o mais importante de todo estágio, pois foi o dia efetivo para lecionar, e me adaptar à turma, acolhida, atividades, processo de horários que logo serão melhores destrinchados a seguir.

Às 07:00 é comum que ainda não tenham chegado todas as crianças, então aproveitei para dar uma olhada ao redor da sala e analisar toda a estrutura docente em volta dela, havia livros com leitura deleite que eu poderia utilizar em outras aulas, e caso fosse necessário, treinar ainda mais a interpretação dos alunos, mas esse pensamento só existiu em um primeiro momento.

Abri os armários da sala à procura dos livros didáticos da professora, já que os das crianças ficavam dispostos nas mesas que rodeiam a sala, e fui analisar quais conteúdos poderiam trabalhar nos próximos dias, para me encaixar na rotina de atividades, e dar continuidade com a sequência nos livros. Folheei apenas a disciplina de história pois as duas aulas seriam seguidas dessa temática, e logo me preparei para a chegada das crianças por volta das 07:20.

Comecei o conteúdo normalmente e de acordo com o planejamento da aula, tudo correu de forma simples. Iniciei com questões problema para colher informações a respeito da temática do dia, e gostei que eles já estavam trabalhando o conteúdo durante a semana. A professora tinha iniciado o modo de vida indígena no dia anterior, então eu pesquisei algumas informações adicionais ao lidar com o assunto, mas foquei na invasão portuguesa.

Fui até à sala da direção que tinha à disposição um globo mundial, levei para a sala para mostrar onde ficava exatamente Portugal e Brasil, falamos um pouco sobre caravelas, modo de viagens, estilos de roupas e muita conversa cultural desencadeou nesse dia, mas não fugimos do tema.

Depois do término do conteúdo, as crianças não tinham se fixado ainda que os indígenas moravam no Brasil, então busquei uma outra metodologia mais fácil para lidar com a situação, e contextualizei mais uma vez onde eles moravam, e que ainda moram até hoje.

Quando terminamos de falar sobre o modo de vida, vestimenta, armamentos, culinárias, mostrei algumas falas que usamos em nosso idioma atual, como muitas que foram adotadas pelo tupí, e trouxe imagens de crianças da mesma faixa etária dos alunos, para eles se compararem, pois na sala de aula, havia uma criança com traços indígenas, e achei que seria divertido incluí-la na atividade, mas tudo deu errado quando percebi que um silêncio tomou conta da turma, uma vez que conversam demais.

Assim que terminei de colar a imagem no quadro, me virei e questionei o que tinha acontecido, mas me deparei que a foto da menina no quadro mostrava seus pequenos seios, o que é culturalmente normal nas tribos indígenas, e as meninas da sala se sentiram desconfortáveis, e logo retirei para não haver problemas na sala ou com as crianças, mas por questões maiores, achei melhor retificar o respeito à diversidade.

Após esse momento, o horário do intervalo havia chegado, e após uma hora, retornamos à sala para concluir as atividades do dia, tudo ocorreu de forma tranquila, pudemos analisar o texto e fazer associações com as imagens que estavam no quadro, e as cartas foram todas entregues no mesmo dia. Após às 11:00, nos despedimos.

Foto 1: Espaço de Trabalho

FONTE: Arquivo Pessoal.

Foto 2: Cartas para os Indígenas.

FONTE: Arquivo Pessoal.

- **20.04.2023 - Primeiro dia de aula, mas não como aluna.**

Cheguei na escola como de costume, no mesmo horário antes das 07:00 da manhã, e logo me posicionei frente à mesa da professora com meus materiais didáticos e atividades que foram realizadas no dia, e esperei as crianças chegarem para então começar com a rotina.

Nos dias anteriores, não consegui observar a acolhida da turma: no dia inicial cheguei após esse momento e no segundo dia, a professora precisou ficar em outra sala para atividades extras e não tivemos essa acolhida tradicional da sala, mas nesse terceiro dia de estágio, a professora havia chegado para darmos início à aula juntas e acatei tudo o que havia para fazer. Primeiro fizemos uma oração geral³, e observei a leitura dos 5 salmos diários antes de começar a aula. Após esse momento, iniciei minha aula.

Por meio de uma roda de conversa, fui contextualizando o que se passava no país no período de Tiradentes, tentando fazê-los entender sobre a chegada dos portugueses, e a situação econômica que existia. Quis focar sobre a questão de revolução, lutas, marcos, e assim seguiu a manhã até o fim do conteúdo.

Ainda antes do intervalo, distribuí folhas com toda a turma para cada um dos alunos com uma atividade de associação de formas e letras, para descobrirem qual é o nome verdadeiro de Tiradentes, levou alguns minutos a mais do que eu gostaria porque o nível de letramento e alfabetização da sala é muito diversa, existem as crianças que acompanham muito bem, enquanto que outras escrevem garatujas e não compreendem leitura, então precisava mediar às que não conseguiam escrever bem, e ir conversando com as outras que já haviam acabado a atividade.

Por ter levado um tempo maior, o intervalo já havia chegado e precisei deixar o restante das atividades para o segundo horário, então assim que retornamos para sala novamente, escrevi no quadro, o texto que seria norteador no caderno das crianças. A professora sempre me pedia atividades com escrita e leitura para trabalhar a coordenação da turma, e o fluxo de atividades era muito grande, porque as crianças são muito rápidas respondendo-as, mas tive um pouco de dificuldade de conduzir tantos níveis assim, pois sentia que não entregava o suficiente para os que precisavam de um tempo maior, mesmo assim, entreguei o que me foi pedido. O texto foi

³ As orações em geral eram momentos rotineiros geralmente tidos com uma conversa com Deus e alguns pedidos de benção para as crianças, a família, a professora e a aula que começaria. Era a forma da professora se sentir em paz com a turma para sentir uma carga de energia e poder começar o dia. Esses momentos aconteciam logo após o “bom dia”, e era seguido de ditados com salmos.

copiado nos cadernos, e dei início à atividade do livro didático com a temática da resistência indígena que não havia dado tempo na aula anterior. Finalizamos o dia após as correções.

- **27.04.2023 - Como se usa o livro didático?**

O planejamento desse dia para realização das atividades começou dois dias antes da quinta-feira. Eu já sabia que trabalharia o gênero textual carta, com as crianças, porque no primeiro dia de estágio da docência, da resistência indígena, havia passado uma carta, mas a professora informou no momento da atividade que ainda não havia trabalhado esse gênero com eles. Então depois do sentimento desconcertante, eu me empenhei para trazer esse conteúdo para sala, e unir com o presente de Dia das Mães que já estava chegando perto, como eu já estava preparada para ajudar as crianças com maior dificuldade, fui encaminhando e pensando no roteiro da aula aos poucos, para encaixar todo mundo e não nutrir sentimentos ruins pela insuficiência de auxílio aos que precisam.

Cheguei no horário normal como de costume e fui questionando com as crianças como elas achavam que as pessoas, antigamente, se comunicavam. Por exemplo: se pensaram que já existia celular na época das grandes navegações e todo o diálogo sobre a necessidade de uso tecnológico veio à tona, afinal, é uma geração imediatista e com muito uso exposto a telas e afins.

Na sequência, resumi de maneira didática como as cartas eram enviadas, falei sobre os selos e mencionei que atualmente são itens que não condizem mais com a realidade por causa da tecnologia e internet. Falei sobre noções de rastreamento e as indústrias de frete, bem como industrialização e consumo consciente em compras online, acreditei que tudo faria sentido se explicado da forma correta, e assim seguimos.

Ao término da explicação geral, foquei na estrutura da construção de uma carta. Escrevi no quadro um exemplo de uma pessoa X que enviou uma carta à uma pessoa Y, e algumas questões base para responderem no sentido da carta, para analisarmos nome, cidade, conteúdo, local que foi entregue e qual será enviado, etc.

No final das respostas do pequeno questionário, o intervalo começou e retornamos após uma hora. Agora que já tinham todos entendidos a formatação de uma carta, entreguei o modelo e o envelope que seria a atividade do dia e de entrega ao dia das mães na escola, e também deixei que escolhessem 3 (três) adesivos fofos que tive o prazer de separar, imprimir e cortar, para enfeitarem suas cartas.

As crianças que já tinham suas escritas desenvolvidas, aproveitaram também para desenhar com um tempo extra, na medida em que eu auxiliava o restante dos alunos que tinham dificuldade em escrever, juntar sílabas ou criar palavras e frases para escreverem na cartinha.

E assim seguiu o restante do horário do dia, ao término, nos despedimos.

Foto 3: Oficina de cartinhas.



FONTE: Arquivo Pessoal.

- **11.05.2023 - Como eu vou ensinar matemática?**

Ao chegar na sala, fiquei sabendo que trabalharia, naquela manhã, com um colega da FAPESQ. Ele já tinha planejado sua aula para o primeiro horário, então permiti que ele tivesse aquele primeiro momento com as crianças, conversamos sobre a divisão de aulas única e exclusivamente daquele dia, e ficou de comum acordo que eu ficaria com a turma no segundo horário, após o intervalo. Como eu já tinha preparado todo o conteúdo para o dia inteiro, não achei que seria de grande problema, e me sentei atrás das cadeiras das crianças para folhear e analisar os livros didáticos de todas as disciplinas. Me dei conta de que nem todos estavam com o uso atualizado, então separei-os para tirar fotos e estudá-los a melhor maneira de mediar tal conteúdo em sala nos próximos dias.

A manhã seguiu de forma tranquila, afinal, a atividade era uma construção de origami para o dia das mães que aconteceu no dia seguinte, então as crianças tiveram mais um presente para acrescentar na apresentação. Após a minha leitura individual com os livros, guardei-os e auxiliiei os alunos os quais eu já sabia que tinham dificuldade de escrita. O origami consistia em

escrever um poema, ou uma frase, ou palavras de amor, para as mães, dentro de um caule, que ao abrir a rosa do vaso, estaria tudo ali escrito. Achei que foi uma atividade muito proveitosa pois vi todas as crianças interagindo e desenvolvendo bem!

Após o horário do intervalo, retornei com a turma para a sala e esperei que se acalmassem para a entrega dos materiais dourados. Consegui com que cada um ficasse com uma caixa, e tinha à minha disposição, uma bem maior com mais produtos e um cubo fechado com a noção quantitativa de 100 (cem). Quando pude observar que todos estavam prontos, iniciei o assunto mostrando como poderíamos utilizar o material dourado e para quê servia, afinal, não é um material que se deixe exposto para brincadeiras sem fundamentos.

Escrevi no quadro operações pequenas de 10 (dez), 20 (vinte) e 30 (trinta) em contas de adição e subtração para exemplificar, com o material dourado, a decomposição dos números, e então, partimos para contas maiores.

Ao perceber que toda a turma já havia entendido, o que não levou mais de 15 (quinze) minutos, afinal eu precisava ir de mesa em mesa para explicar e compreender se todos estavam bem, dei início a contas maiores de 80 (oitenta), 100 (cem) e 200 (duzentos) no quadro, para irmos montando, contando e resolvendo com o material dourado.

As crianças, nesse período de tempo, pediram que eu fizesse um sistema de pontuação! Ou seja, o que era uma atividade simples, passou a ser algo competitivo. De início, eu gostei da ideia, pois os alunos que estavam mais dispersos puderam prender a atenção na atividade, e aos que já estavam concentrados, ficaram mais ainda. Então posso dizer que foi um momento muito bom, proveitoso, e claro que não deixei que ninguém perdesse, todos saíram com a pontuação 10 (dez) para casa.

Nesse dia, eu me prontifiquei em ajudar todos por igual, porque enquanto estudante de pedagogia, posso fazer alusão à minha formação escolar e garantir em dizer que: Não sou boa em matemática. Então eu fiz questão de sair desse estágio tendo plantado uma sementinha da matemática no coração das crianças de forma positiva, simples e leve.

Após o término da atividade, nos despedimos.

- **18.05.2023 - Criando histórias em quadrinhos.**

Naquela manhã, cheguei no horário de costume e me direcionei à sala do 3º ano. Já tinha em mente que trabalharia com o livro didático e aproveitei a semana que “correu” para analisar a melhor maneira de passar o conteúdo das páginas atrasadas no livro de Língua Portuguesa. Eram pouco mais de 5 (cinco) páginas, contendo 3 (três) de história cordelista e 2 (duas) de

atividade escrita sobre a leitura. Esperei que toda a turma chegasse para iniciar o conteúdo, e fiquei ali conversando com as crianças que já tinham chegado.

Um pouco depois das 07h30m, iniciei a leitura do cordel que estava no livro, fizemos a atividade proposta, passei uma questão para casa e mostrei dois cordéis físicos que tinha levado para verem os temas, formas de escrita e afins. O primeiro se deu pelo tema o mosquito da dengue, então era um cordel que retratava como adquirir a doença e suas mutações, de como prevenir, os sintomas da dengue, Zika e Chikungunya, e alguns remédios comuns que servem para tratamento. Aproveitei para dar meu depoimento pessoal da primeira e terceira variação da dengue que tive, e ficamos ali conversando sobre como é dolorido o processo.

O segundo cordel se tratava de uma mulher negra, então falamos sobre resistência e luta negra de acordo com que o poema seguia, e em ambos os casos, analisei a leitura de todas as crianças que leram e participaram desse momento.

A metade do primeiro horário já havia sido preenchida e agora entraríamos em outro assunto: Histórias em quadrinho.

Esse foi o segundo conteúdo trabalhado naquele dia, como os cordéis do livro didático tinham falas e travessões, achei interessante trabalhar com as crianças a HQ, mas de uma forma diferente. Coloquei exemplos impressos no quadro de HQ, gibi e revistinhas, e pedi ajuda dos alunos para irem até a frente e fazerem uma leitura coletiva. Identificamos os personagens da Turma da Mônica e Comics.

Após esse momento, todos se sentaram e passei umas imagens pequenas para identificarem qual tipo de balão é a fala ou expressão, após analisarmos tudo, chegou o momento das atividades antes do intervalo.

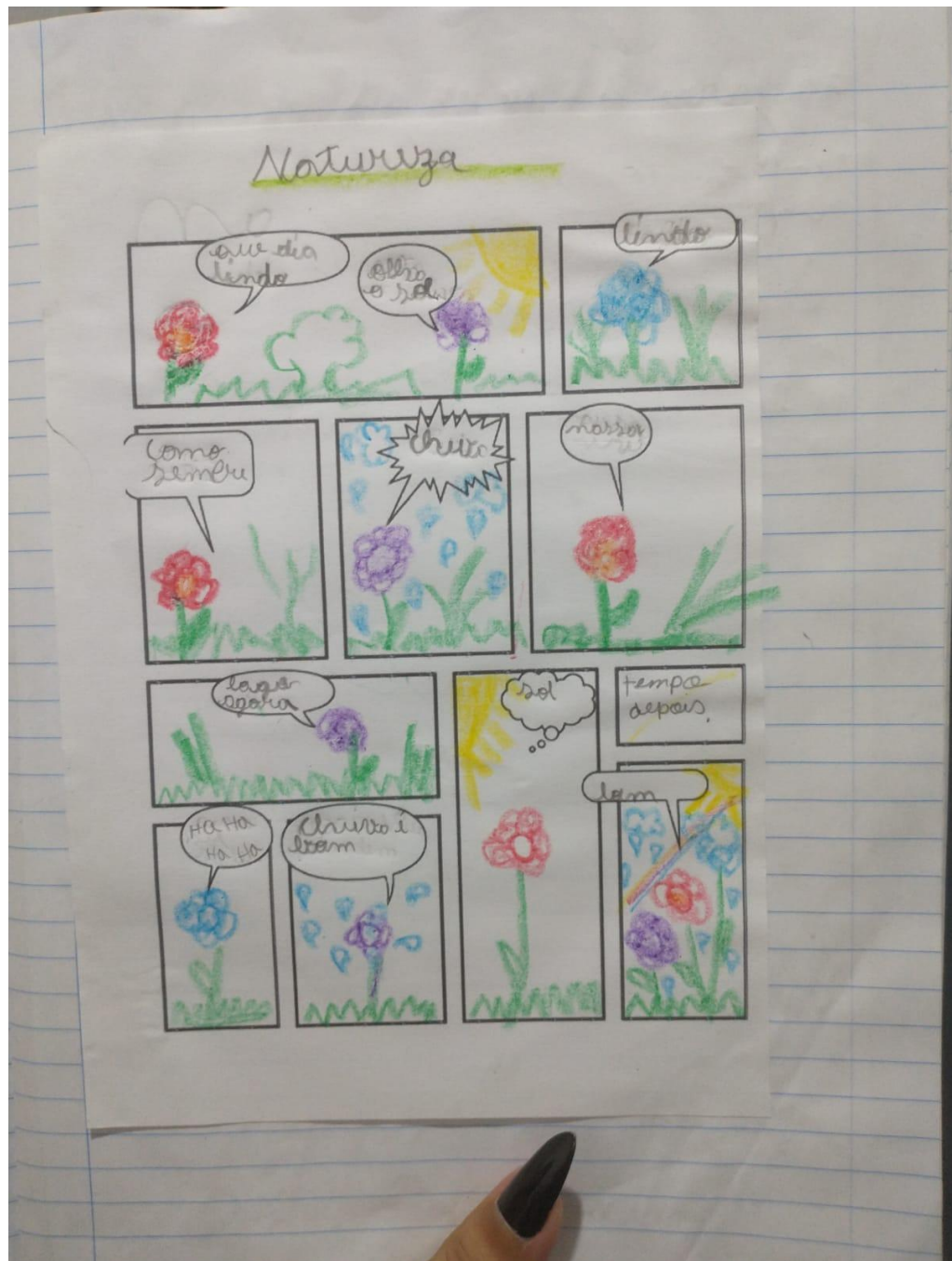
Entreguei uma folha que, dividia ao meio: imagens de “a” a “m”, e frases correspondentes com os respectivos números. Então as crianças tinham que associar as cenas/imagens às frases abaixo, e foi um pouco mais demorado porque não estavam em ordem, eles precisariam associar e depois configurar a sequência da história. Fizemos juntos, e passei a correção da atividade no quadro.

Naquele momento já havia liberado para o intervalo, e retornamos à sala logo após seu término. Ainda restavam duas atividades, e eu gostaria de que fossem desenvolvidas em sala para que eu pudesse auxiliar a todos. Distribuí mais uma folha com uma história desenhada, mas em branco e sem falas, sobre um casal que estava cozinhando juntos, em sua casa, e a massa do bolo dá errado, o rapaz colocou muito fermento e cresceu bolo por toda a casa. Eles precisavam criar esse diálogo ou qualquer outro que fizesse sentido à história da folha, então pintar e finalizar com o título. Essa atividade levou até mais da metade do segundo horário, e

não conseguimos finalizar a terceira atividade, mas essa que era a que eu mais gostaria que tivessem feito, deixei para que levassem e terminassem em casa.

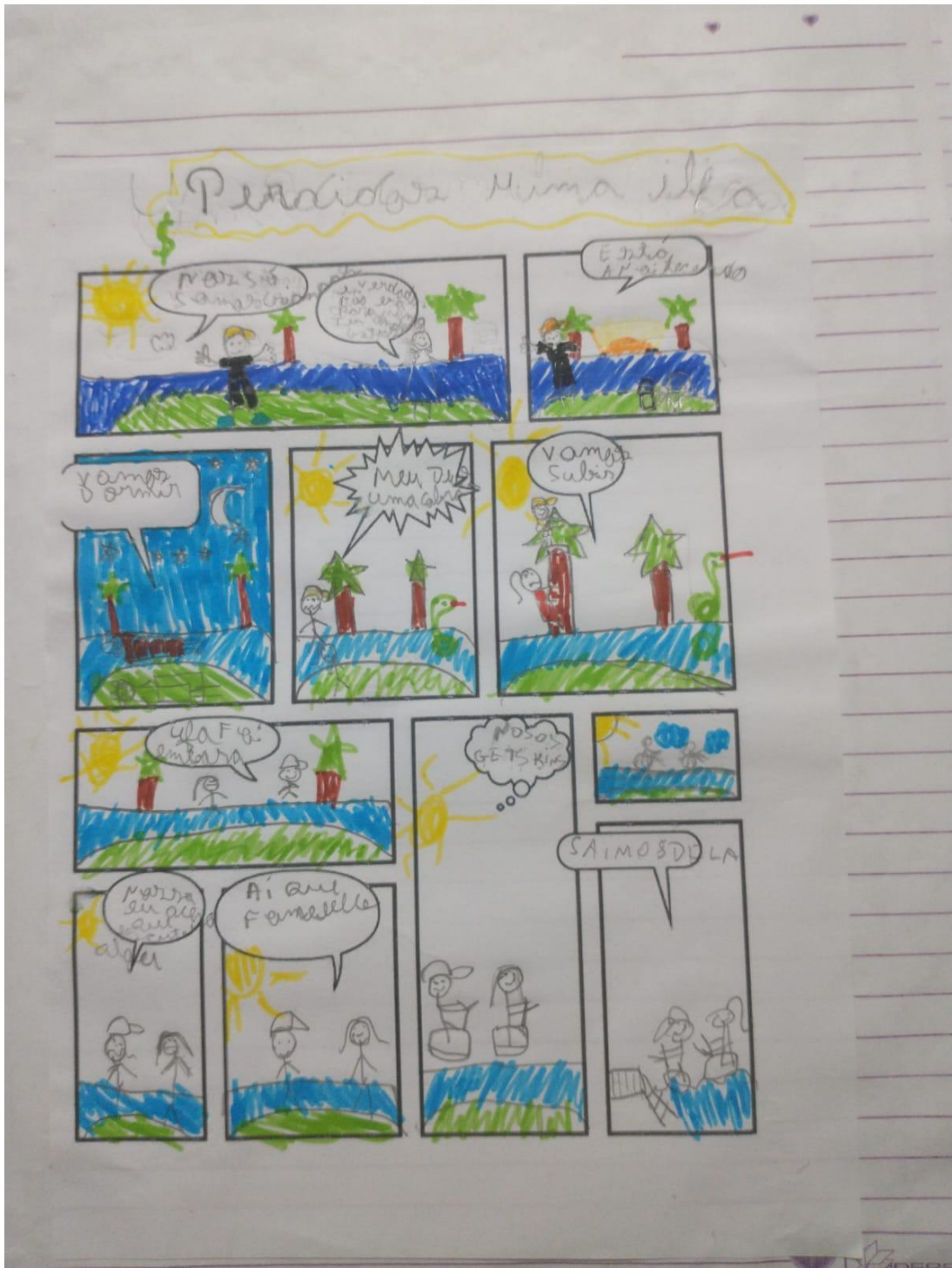
A terceira e última atividade consistia em espaços e balões diversos em branco, ali sim, eles teriam que criar as suas histórias, criar os diálogos e pintar bem como entendessem. Mas acabou por ficar como atividade de casa, e até o momento da despedida do dia, fiquei auxiliando as crianças com dificuldade de escrita, e nos despedimos após o horário de aulas.

Foto 4: Tirinha do aluno 1.



FONTE: Arquivo Pessoal.

Foto 5: Tirinha do aluno 2.



FONTE: Arquivo Pessoal.

noite muito feliz porque eu queria mostrar para a minha turma o nome delas, como elas eram pretinhas, cheias de pelos e cheirosas! Apesar de não ter cobrado o mesmo para a turma do terceiro ano do estágio, muito pelo nível da escrita deles, preferi deixar apenas uma tirinha.

Acredito ter desbloqueado essa memória linda em mim com a construção da atividade que passei para casa, então cheguei no horário normal, e esperei todas as crianças chegarem para recolher os papéis. Fiquei extremamente satisfeita em ver como a turma desenvolveu bem os quesitos: desenho artístico, escrita e coesão da tirinha com as falas.

Entreguei novamente a folha às crianças após os registros fotográficos, para então darmos início ao conteúdo que seria trabalhado no dia.

Introduzi o contexto “bairro” para a turma, e comecei a escrever no quadro os tipos de bairros existentes, como industriais, comerciais e urbanos. Através de um texto informativo, pedi que transcrevessem para o caderno e fizemos um questionário com elementos do texto escrito para responder de forma clara, a fim de não ficar dúvidas sobre os tipos de bairros encontrados.

Após esse momento, entreguei uma folha com atividade para respondermos em conjunto, a qual consistia em nome do bairro que o aluno mora, há quanto tempo residia naquele local, e se já haviam mudado de endereço. Perguntas sobre quantidade de indivíduos também cabia ali, mas não gostaria de fugir do tema “bairros” para “moradia”, então preferi não aprofundar tanto assim.

Ainda sobre a atividade da folha, em outra parte, consistia em lugares e comércios que poderiam ser observados ou frequentados, então marcamos itens que o bairro da escola poderia ter, como parque, oficina, rio, casas, prédios, escola, creche, posto de saúde, entre alguns outros. A terceira parte era um compilado de palavras que as crianças deveriam escrever sobre o que elas gostariam que tivessem no bairro que elas moram, mas não tem. Então ajudei-as a escreverem algumas palavras do tipo shopping, loja de conveniência, padaria, etc.

Após o término da atividade em folha, colamos no caderno de classe e finalizamos aquele momento. Assim que pude ver que todos estavam livres, coleí no quadro uma folha grande com todos os bairros da cidade de Campina Grande. Destaquei o bairro da escola do estágio para que a turma pudesse ver o tamanho, localidade e distância de outros bairros. Logo, destaquei também o meu bairro, que era um pouco distante, com dois bairros de diferença, e fui conversando com as crianças sobre os bairros específicos e o que podemos encontrar potencialmente em cada um deles.

Pouco antes de saírem para o intervalo, comentei com a turma sobre os meios de transporte.

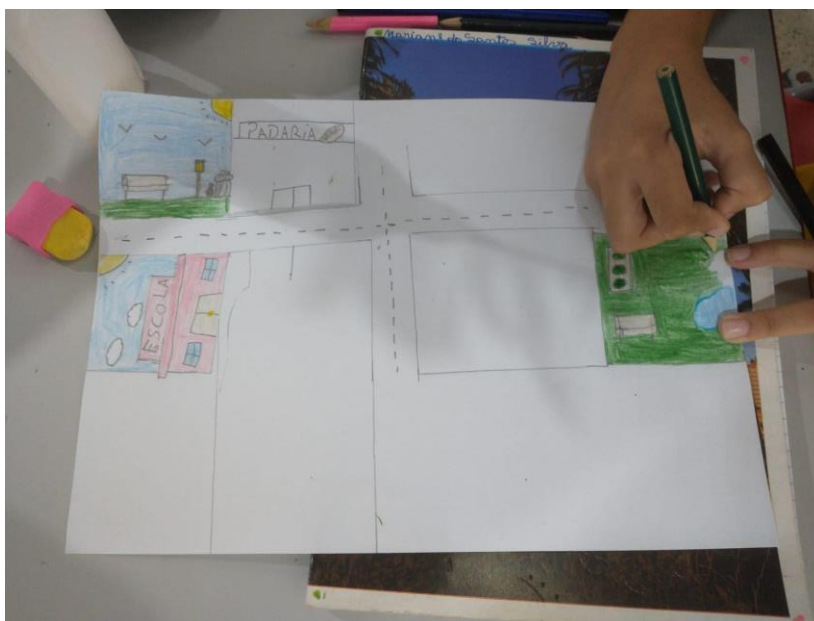
Após o intervalo, com a turma em sala, compartilhei um texto que foi desenvolvido em sala de aula da universidade, na disciplina de “Ensino de Geografia”, sobre a temática “as ruas do meu bairro”. Não é um texto autoral, pois foi escrito em grupo, mas ele aborda questões sociais e econômicas, podendo ser analisado criticamente com as crianças.

No término da leitura, as conversações foram feitas, análises prontas, entreguei para cada um dos alunos, uma folha ofício em branco. Expliquei que gostaria que fizessem um desenho como um mapa de um bairro visto de cima, bem como teria que ter os elementos do texto lido, então esperava-se uma planta de um bairro com ruas largas e estreitas, parques, indústrias, feira, lixo, transportes, cores, escolas, praças, entre muitas outras coisas.

Um ponto positivo foi ter visto em um desenho das crianças, uma padaria, pois foi uma das sugestões da turma e não havia aquele comércio no texto lido, entendi que era um desejo íntimo dela, e guardei pra mim.

Com os desenhos finalizados, a turma foi liberada e nos despedimos rumo ao último dia de estágio.

Foto 7: Criando um novo bairro.



FONTE: Arquivo Pessoal.

Foto 8: Meu bairro quase pronto.



FONTE: Arquivo Pessoal.

- **01.06.2023 - Fim do estágio e começo de uma nova etapa.**

Havia chegado no horário normal, como sempre. Combinei com a colega estagiária que estava nesse momento em outra turma, acompanhando a sala do 1º Ano, para que nós pudéssemos passar um filme com pipoca e muita brincadeira no nosso último dia na escola. Ela concordou!

Encontrei com ela no corredor e marcados de levar as crianças às 07:20 após a acolhida e momento de conversa, para explicar que seria nosso último dia e agradecer pelo tempo e pela troca mútua. Aproveitei esse momento também para entregar uma pequena lembrança à professora, e deixei com ela, os papéis de estágio para avaliação e assinatura dos planos de aula que estavam todos impressos, assim, ela poderia ter uma melhor noção e lembrar do que foi trabalhado nos últimos meses.

Deixei a turma para ajeitar a sala de TV, organizei as cadeiras todas ao lado umas das outras, e levei o 3º Ano primeiro, para ajustá-los nas cadeiras de trás, pois são crianças maiores que as do 1º Ano. Esperei que a colega levasse a turma dela para a sala também, e assim que todos estavam sentados e ansiosos, comuniquei que iria preparar a pipoca de todo mundo, e que poderiam ir começando a assistir ao filme escolhido: “Viva! A vida é uma festa!”. Depois de muita felicidade e o “play” ter sido “rolado”, fechei a porta da sala e desci para a cozinha com

a minha pipoqueira, milho de pipoca, bacia, manteiga, colher, e muitos copos de “Cup Noodles” que foram reaproveitados para esse momento.

Na cozinha, que fica atrás do segundo pátio da escola, pude conhecer melhor o ambiente. Ela é ampla, bem ventilada, com muitos utensílios grandes e o cheiro da sopa do dia estava no ar. Me identifiquei, perguntei se poderia ficar por ali por alguns minutos até que toda a pipoca estivesse pronta, então ficamos conversando e trabalhando por cerca de uma hora e dez minutos.

A minha pipoqueira não era grande, e me deparei com um fogão industrial imenso, queimei a primeira remessa de pipoca e me desesperei. A cozinheira me auxiliou, me acalmou e me ajudou! Depois que consegui “engatar” o serviço, as próximas pipocas ficaram lindas, cheirosas e amanteigadas. Foi um momento muito divertido, quis diversas vezes experimentar a sopa, mas me contive e segui o plano.

Após as pipocas ficarem prontas, recolhi todo meu material depois de lavá-los e secá-los, e fui para a sala de TV. Chegando lá, entreguei os copos com pipoca a todo mundo, dividi a bacia cheia de pipoca com a colega de estágio, e todos juntos terminamos de assistir ao filme.

Após o término do filme, já ultrapassando um pouco o horário do intervalo, as crianças puderam sair para lanche e brincar.

Ao retornarem para a sala titular, naquele momento, conversamos muito sobre o filme, distribuí atividades de pintura para todos, com todas as imagens dos personagens sem repetir, e cantamos alguns trechos das músicas que ouviram no filme.

Assim terminou o dia, e o estágio. Nos despedimos com abraços.

Foto 9: Produção de pipocas.



FONTE: Arquivo Pessoal.

Foto 10: Identificando os personagens do filme através da pintura.



FONTE: Arquivo Pessoal.

3 COMPONENTES DO CURSO E O ESTÁGIO

Como este trabalho tem como objetivo apresentar as vivências em dois estágios diferentes, é válido ressaltar a importância de várias disciplinas de diversas áreas para a formação do professor. Não é do dia para a noite que um estudante se torna um professor apto, é preciso estudar, refletir, correr atrás diretamente e viver uma formação em prol do conhecimento. E é por meio dos estágios que essa “aptidão” existe, bem como praticar os conhecimentos adquiridos no decorrer de todo o curso, pois é o momento de repassar os conteúdos aprendidos, didáticas, teorias, e viver o momento por fim.

Paulo Freire (1965) já comentava que “a educação como uma prática libertadora e transformadora continua a inspirar educadores e defensores da justiça social em todo o mundo.” Então partindo dessa fala, algumas disciplinas foram responsáveis por desenvolver o respeito, acolher, fazer pensar, refletir e ressignificar muitos pensamentos, estes que estavam presos numa visão de mundo pequena, e nada inclusiva, antes do curso. Dentre muitas:

- **Atividades com histórias:** A constância em manter uma rotina de atividades voltadas para a leitura, interpretação de texto e criação de desenhos, tem muito a ver com algumas disciplinas que estão presentes no PPC de pedagogia. Podemos estudar a importância de ler em: “Literatura Infante Juvenil”, “Alfabetização e Letramento”, “Contação de Histórias”, “Ensino de Português”, e “Leitura e Produção Textual” (I e II). Todas citadas acima fazem parte do universo de leitura, bem como aprender a avaliar o processo do aluno nesse período em aprender a interpretar, e isso se faz presente desde uma simples leitura com crianças do ensino infantil, até alunos do 5º ano do ensino fundamental, claro que, cada turma com suas especificidades. Assim eu consegui ministrar conteúdos no livro didático com correção de atividades sobre textos, bem como criar histórias em quadrinhos em tirinhas.
- **Ensino de História:** Ao ter o primeiro contato com as disciplinas de histórias, os estudantes do curso não imaginam a dimensão que é a transformação da visão de mundo ao longo dos conteúdos estudados. Sinto até em dizer que foram as disciplinas mais transformadoras, empáticas e realistas (pois uma vez que trabalhamos com a real situação no Brasil e na história do Brasil.) do curso. Podemos analisar as disciplinas de: “Ensino de História”, “História da Educação”, “Educação e Etnicidade Afro-Brasileira” “Antropologia da Educação” e “Culturas Afro-Brasileira e Indígena”. São matérias que ocupam parte do mundo do componente de história, e faz com que o estudante do curso se sinta preparado para ressignificar os livros didáticos que estão presos à uma realidade romantizada da realidade e da história. A disciplina de “Ensino de Geografia” me capacitou a olhar com criticidade o livro didático, e a como repassar um conteúdo de maneira que eu torne um aluno crítico, que pense, questione e aprenda significativamente. E foi dessa forma que eu decidi dar aula sobre o dia do indígena de uma maneira transformadora e respeitosa.
- **Como eu avalio meu aluno:** A disciplina responsável pela avaliação deve ser “Planejamento e Avaliação Educacional”, tive a oportunidade de conhecer uma

professora muito competente a passar muitos conteúdos que abrangem essa temática, e não só planejar e avaliar aulas, mas todo um mundo de negócios, casa, financeiro, entre outros, que serve para diversos aspectos da vida do cotidiano, então essa matéria em específico foi imensamente bem aproveitada. Vale ressaltar também que a disciplina de “Didática” tem muito a contribuir com a avaliação do meu aluno, porque a reflexão da minha prática reflete diretamente no aproveitamento estudantil da criança, então não se pode caminhar uma vida docente sem a avaliação. E é justamente a forma de avaliar que conta muito, que eu pude adaptar ou ressignificar minha didática no período do estágio, pois eu precisava saber quem era o meu aluno, de onde ele vem, e para onde ele quer ir. A disciplina de “Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão Social” embasa muito do que e como validar aquela pessoa que busca novos aprendizados.

- **Sala de AEE e PCD:** Um universo novo foi criado na minha cabeça com as disciplinas de “Educação Especial” I e II, foi onde pude estudar diversas deficiências, a história de cada uma delas, e como trabalhar de forma inclusiva com as essas crianças. A sala de AEE foi observada também no estágio de observação, mas como não tive a oportunidade de ver de pertinho como ela funcionava em prática, pude ouvir as experiências de colegas, bem como estudar essa forma de ensino e, possivelmente, colocar em prática caso haja uma possibilidade de especialização nessa área de ensino.
- **Os desafios da matemática:** A matemática, para mim, sempre foi uma área de muita dificuldade pois eu não compreendia como ela funcionava. E não foi por falta de bons professores, pois me lembro perfeitamente de todos eles no decorrer da minha vida acadêmica, apenas sei que eu tinha um bloqueio em relação à essa disciplina. Na disciplina de “Ensino de Matemática”, comentei dificuldades e fui muito bem acolhida pelo professor. Estudando como se ensina, foi quando aprendi realmente o conteúdo. No campo de estágio, os estagiários não estão preparados para o que vão encontrar, então é preciso ter uma gama de conhecimentos em diversas áreas para abarcar todos os momentos vividos nesse processo. Posso dizer que pela primeira vez eu me senti capaz de ensinar matemática, e que bom que jogos pedagógicos existem, porque assim como crianças podem aprender, adultos também podem. Foi assim que consegui decompor números matemáticos através do material dourado, e pude avaliar positivamente a boa absorção da soma e subtração na turma do estágio.

Cada situação vivenciada e descrita neste trabalho de conclusão de curso é um convite para conhecer o universo da escola, durante as práticas de estágio supervisionado. O detalhamento das práticas implica em ir além da atividade discricional, encontrando-se com as vivências de uma futura docente, formada no curso de Pedagogia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível investigar a importância e os impactos do estágio supervisionado na formação acadêmica e profissional da autora.

Primeiramente, o estágio se mostrou um espaço valioso de aprendizagem prática, onde a autora teve a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso. A vivência em sala de aula permitiu que a autora desenvolvesse habilidades pedagógicas, compreendesse a dinâmica educacional e estabelecesse um contato direto com os desafios e demandas dos seus alunos.

Além disso, o estágio supervisionado proporcionou um ambiente de aprendizado colaborativo, onde a autora pôde contar com a orientação e o feedback dos supervisores. A troca de experiências e conhecimentos foi fundamental para o crescimento e aprimoramento pessoal e profissional, permitindo que ela se tornasse mais confiante em suas habilidades e competências.

No entanto, também foram encontrados alguns desafios enfrentados pela aluna durante o estágio supervisionado. Dentre eles, destacam-se a necessidade de lidar com diferentes perfis de alunos, adaptação às dinâmicas específicas da escola, conciliação entre teoria e prática, influência religiosa, alunos em processo de alfabetização em turmas mais avançadas, entre outros. Esses desafios mostraram que a realidade das escolas influencia no andamento de algumas questões como o desenvolvimento dos alunos, tanto dos que estão em sala de aula quanto dos estagiários, pois se há uma dificuldade, existe a necessidade de mudança.

Diante dos resultados obtidos, é possível afirmar que o estágio supervisionado desempenha um papel fundamental na preparação dos futuros profissionais da educação. Ele contribui para o desenvolvimento de competências pedagógicas, o aprimoramento do conhecimento da realidade escolar e a consolidação da identidade profissional. Ficou evidente que o estágio supervisionado desempenha um papel fundamental na preparação dos futuros profissionais, permitindo que eles apliquem os conhecimentos teóricos adquiridos em situações reais de ensino. Durante o estágio, os estagiários têm a oportunidade de desenvolver habilidades pedagógicas, como o planejamento de aulas, o gerenciamento de sala de aula e a adaptação às necessidades dos alunos.

É importante ressaltar que a qualidade do estágio supervisionado está diretamente relacionada ao apoio e acompanhamento oferecidos pelos supervisores e pela instituição de ensino. A supervisão adequada, as orientações claras e o feedback construtivo desempenham um papel fundamental no sucesso do estágio e no desenvolvimento profissional dos estagiários.

O estágio supervisionado é uma etapa enriquecedora e essencial na formação dos estudantes, permitindo que eles adquiram experiência prática, desenvolvam habilidades pedagógicas e se preparem para a atuação profissional. É uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, proporcionando uma visão realista do cotidiano escolar e contribuindo para a construção de uma identidade profissional sólida.

O estágio realizado, em duas escolas públicas, foi uma oportunidade valiosa para adquirir experiência prática no campo da educação. Proporcionou uma compreensão mais profunda dos desafios e oportunidades enfrentados pelos educadores e dos sistemas educacionais em geral.

A avaliação desse estágio se desenvolve em vários fatores, como o ambiente escolar, a qualidade da supervisão e orientação recebidas, a interação com os alunos, a oportunidade de participar de atividades educacionais e a disposição para aprender e se envolver.

Alguns aspectos específicos que devem ser considerados na avaliação desse estágio incluem:

Experiência prática: O estágio me permitiu aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em um ambiente real. Tive a oportunidade de observar e participar ativamente das atividades escolares, podendo desenvolver as atividades de acordo com o nível intelectual de cada aluno. Pude conversar com cada aluno, entender os anseios e sanar dúvidas sobre disciplinas, pude aplicar também metodologias aprendidas nas disciplinas para encaixar o tipo específico de conteúdo, como o Ensino de Artes nas atividades artísticas.

Aprendizado e orientação: Recebi orientações claras e apoio dos educadores e supervisores durante os estágios. Eles estavam disponíveis para responder às minhas dúvidas e fornecer feedback construtivo. Mesmo e ainda mais porque no segundo estágio, a professora regente tinha uma influência religiosa muito grande tanto na sala de aula como na escola em geral, as dificuldades enfrentadas nessa situação foram resolvidas com o passar do tempo.

Interação com os alunos: Tive a chance de interagir com os alunos e desenvolver habilidades de ensino baseadas na realidade de cada um e na necessidade que tinham nas atividades, compreensão de texto, leitura, interpretação, que foram os mais desenvolvidos nas aulas. De início, o medo da rejeição era muito grande, porque nunca sabemos se a turma vai gostar de você ou não. Pude desenvolver uma relação e troca de conversa muito boa com todos eles, apesar de em alguns momentos ter percebido que eles ao invés de me olhar como professora que estava ali para passar conhecimentos, acabavam por me achar uma amiga e o respeito com o silêncio não houve nas aulas finais, então busquei ser mais rígida com uma conversa respeitosa para com eles e fazer a conscientização de que aquele era um período de

troca, e que eu precisaria da ajuda deles, tanto quanto eles da minha. Após isso, conseguimos nos entender.

Ambiente escolar: Os dois estágios se deram em ambientes relativamente pequenos, o segundo estágio em específico foi realizado num bairro periférico, de público mais pobre e a estrutura da escola não favorecia a interação dos alunos de forma eficiente. O intervalo era dividido por meninas e meninos em dois pátios diferentes, e tinha muita água por causa das chuvas, os alunos ficavam impossibilitados de sair nesse período chuvoso porque nada era coberto, e molhava todo o ambiente. Embora os percalços aconteciam, me senti acolhida e integrada à equipe educacional. A cultura escolar era bem religiosa em todos os setores de ensino, e os recursos disponíveis para promover a aprendizagem saiu 100% (Cem por cento) de custo financeiro próprio.

Desafios e oportunidades: Durante os estágios, percebi uma alteração de comportamento em alguns alunos, mas todos possuíam laudo de no mínimo TDAH, hiperatividade ou autismo. Isso não foi um empecilho para desenvolver as atividades ou expor aulas. Em apenas um único dia pude ver a presença de uma aluna com deficiência de mobilidade física nas pernas e nas mãos, mas como não sabia que existia essa criança na sala, pois não foi comunicado, nesse dia pude acompanhar de perto seu desenvolvimento. A atividade do dia foi suficiente para que ela pudesse realizar, mas quando pensei em levar outros tipos de atividades próprias para ela, não estava presente nos dias seguintes de estágio.

É importante ressaltar que cada estágio é uma experiência única, e as percepções e avaliações podem variar de pessoa para pessoa. O importante é refletir sobre o que você aprendeu e como isso contribuiu para seu desenvolvimento pessoal e profissional como educador.

Voltando no item “interação com os alunos” e as dificuldades enfrentadas, Paulo Freire (1997) traz a educação libertadora, proposta essa que tem como pilares fundamentais o diálogo e a ação. O diálogo, neste caso, é visto como horizontal e libertador e não um monólogo opressivo do educador sobre o educando. Através dele pode-se gerar críticas e problematizações através de questionamentos fazendo com que o aluno aprenda a aprender. Em uma ação de diálogo identifica-se dois elementos fundamentais: os interlocutores, no caso educadores e educandos, e o conteúdo do mesmo. Este, no caso da educação, é justamente o conteúdo programático da educação que nunca deve ser desvinculado da vida dos educandos.

Por fim, é válido mencionar que este trabalho não esgotou todas as questões relacionadas ao estágio supervisionado. Existem outras perspectivas e abordagens que podem ser exploradas em futuras pesquisas, contribuindo para uma compreensão ainda mais aprofundada dessa

importante etapa da formação acadêmica. Em síntese, o estágio supervisionado é uma experiência enriquecedora e fundamental para a formação dos estudantes, proporcionando um ambiente de aprendizagem prática e colaborativa. Espera-se que este trabalho contribua para o debate e o aprimoramento das práticas relacionadas ao estágio supervisionado, visando preparar os futuros profissionais da educação de forma mais efetiva e abrangente.

REFERÊNCIAS

- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)
- PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- TORRES, Carlos Alberto. **Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ed. Tradução de Elaine Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LÜDKE, M.I.; BOING, L.A. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set.-dez. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.